

ASSIGNATURAS	
ANNO.....	20\$000
SEMESTRE..	12\$000
Numero avulso, 500 rs.	

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Quando o meigo leitor lançar os seus olhos sobre estas linhas, estará consumada a farça donde surgirá a nova legislatura e a renovação do terço do Senado. A julgar pelos incomparaveis escandalos da qualificação, a julgar pela fraude empregada em grande escala pelos empreiteiros de candidaturas, pelos detentores das posições officiaes, pôde-se prever que a soberania nacional andou tripudiando de mascara e guizos, numa orgia sem precedentes nos fastos das bandalheiras eleitoraes.

Realizon-se a phrase lapidaria do general Glicerio, na discussão da reforma, cuja estréa foi um vergonhoso fiasco — *Mudam-se as fechaduras, inventam-se gazúas*. Desta vez, porém, os gatunos de votos, os amestrados defraudadores não se deram á pena de agir com arte, não empregaram astuciosos processos salvadores das apparencias: abandonaram melindres futeis, precauções de pudores hypocritas e trabalharam ás escancaras, num despejamento brutal, como si fôsem impulsionados pelo sinistro intuito de desmoralizar definitivamente o nosso regimen politico, que é a principal victima dessa mashorca vil, indecentissima.

Oito dias antes da eleição, a séde da junta, onde se distribuiam os titulos aos cidadãos qualificados, offerecia um espectáculo contristador. Os livros de talões fôram entregues a candidatos privilegiados que, depois de satisfazerem os seus amigos, inutilizaram o resto, os titulos dos adversarios, para excluil-os de votar, ou andavam a granel aquelles que fôram devolvidos, violados, mutilados, á disposição de toda a gente, passando de mão em mão, numa balburdia indescriptivel. Os titulos extraídos por procuração não teem, na grande maioria, sinão na totalidade, numero; os possuidores

não deixaram a sna assignatura, nem fôram archivados os instrumentos das procurações, indispensaveis para authenticarem a entrega. E, afinal de contas, em virtude do extravío dos livros, contendo vinte e um mil titulos, quando a totalidade dos cidadãos qualificados montava a 19.916, surgiu a necessidade de pedir a rubricação de novos livros de titulos em branco, pedido recuzado pelo juiz seccional da 1ª vara, dr. Godofredo Cunha, com aquella inteireza rija, impenetravel, que caracteriza a sua brilhante figura de juiz.

Essa inqualificavel desordem no processo da distribuição dos titulos foi inédita; jámais a ouzaram os mais desbragados cabalistas habituados á chicana em todas as suas torpissimas fórmas e confiados na tolerancia que excluiu o Codigo Penal á sancção dos crimes contra o direito de votar. De resto, eleitores e eleitos, por um lento processo de degenerescencia do civismo, chegaram ao cumulo do desdém desse direito impunemente conspurcado desde o alvorecer da nossa infancia de nação, conspurcação que se aggravou, que passou para a ordem dos factos normaes nestes lastimosos dias da Republica.

Quem o culpado, quem o responsavel por essa vergonha abandonada?

O legislador — dizem uns — que pretende remendar essas successivas refórmias um systema desmoralizado em consecutivas experiencias negativas; o legislador que tenta, em vão, tapar os buracos abertos pelas ratazanas em vez de atacal-as energicamente, em vez de lher extirpar a raça deleteria, fulminando-as inexoravelmente com a sancção legal; o legislador que decreta refórmias eleitoraes que, applicaveis nos reduzidos centros de população, são absurdas, são inexequivéis numa capital como o Rio de Janeiro e vice-versa.

Mas o legislador, por honra nossa, deve presumir que os executores de

suas deliberações sejam homens honestos, que, contaminados embóra pelo *virus* da politicagem para se habilitarem á consideração dos eleitos, elles não chegam ao extremo de se privarem das mais intuitivas noções do dever; que, finalmente, recúem por um instinctivo movimento de pudor ante os processos escandalosos, processos mais vergonhosos para aquelles que os toleram do que para aquelles que os empregam.

O legislador não poderia suspeitar se déssem aqui, na capital da Republica, perto dos olhos do Governo, os factos criminosos acima indicados em ligeiro traço, nem que essas manobras indecorosas fôsem encontrar apoio nas altas regiões, onde já se ruminam os meios de victoria dos candidatos predilectos no terceiro escrutinio, no epilogo da farça, representado pelos funambulos do Congresso.

O legislador não poderia suppor que a falta de emulação, que o desanimo civico tivesse attingido ao cumulo de comparecerem á qualificação sómente cerca de vinte mil cidadãos, numa capital que blazona de possuir oitocentos mil habitantes e se irrita patrioticamente quando lhe contestam os dados estatisticos ou lhes restringem os resultados. Não conton, além disso, com a preguiça indigena apavorada á perspectiva de consumir uma hora no palacio municipal para se inscrever na lista dos votantes e lá voltar para obter o titulo.

Mas deveria, pela dolorosa experiencia de quinze annos de fraudes, de prevaricações, de tranquiernas, prever que quanto mais complicado fôsse o processo eleitoral, muito embóra fôsse isso determinado pelo louvavel intuito de accumular garantias ao exercicio do direito eleitoral, tanto maiores probabilidades se offereciam á fraude, muito menos efficaz deante de um systema simples, de execução expedita, realizada, facil-

mente, sem sacrificio para os interessados, para os executores.

Assim como os tribunaes são incumbidos da permanente execução das leis, da distribuição da justiça e das garantias de direitos individuaes, sustentáculos das bases da sociedade, poderiam exercer a attribuição de qualificarem eleitores, em qualquer tempo, sempre que isso lhes fôsse requerido com as provas legais, facultados ás partes os recursos normaes como si se tratasse de qualquer acto de denegação de justiça, ou de infiel applicação da lei. Os tribunaes organizariam esse serviço que marcharia *au jour le jour*, sem a precipitação, sem o afobamento dos prazos fataes, e, num prazo designado com antecedencia, antes das datas fixadas para as eleições, enviariam os livros de registros a magistrados locais incumbidos de colherem o suffragio popular.

E' indicação dos factos abolir essa entidade funesta—as juntas de qualificação—compostas de cidadãos por via de regra insurgidos contra o onus de um trabalho gratuito, contra o exercicio de funções publicas esporadicadas, que perturbam o trato de seus interesses individuaes, ou empenhados no exito dos processos eleitoraes. Essas juntas são instrumentos do Governo, ou são compostas de peitos largos da politicagem, de fanaticos servidores de partidos, escolhidos entre a capangagem inconsciente, cega, capaz de todos os crimes para assegurarem a victoria de seus amos.

Não ha precauções; não ha subtilidades meticulosas que as preservem dos effectos do servilismo. Nós acabámos de ver a inefficacia, o completo insuccesso dos escolhidos maiores contribuintes, cujas listas em alguns Estados, como o do Ceará, fôram falsificadas pelas repartições fiscaes obedientes ao capricho de governadores, cuja ganancia não hesita, cuja sêde de poder não hesita deante dos melindres mais respeitaveis, nem das mais exorbitantes monstruosidades.

Em virtude da indifferença resultante de consecutivas decepções ou do desamor ao direito ou da certeza da inutilidade do voto, o processo eleitoral não tem os fiscaes que seriam os partidos e os cidadãos eleitores: os primeiros fôram anniquillados desde a Concentração, que renovou a lenda da

torre de Babel; os segundos se absteram por desidia, por desleixo ou para evitarem a navalha, o cacete e o revólver da capangagem mashorqueira.

Seja como fôr, a refôrma do sr. Rosa e Silva desandou em droga repugnante; os esforços do chefe pernambucano deram resultados negativos, impotentes para a reparação da funda perturbação organica que deturpa as funções essenciaes do corpo social.

E' indispensavel que todos os homens de brio, que os patriotas se ergam, dominados pelo pensamento de pôr definitivo côbro a essas práticas vergonhosas, ás bandalheiras da politicagem que está — dizemos sem excesso de phrases — desacreditando as instituições e minando os fundamentos da Republica.

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Deixo de analyzar innumeradas questões agitadas na quinta parte da *America Latina*. Não é porque não se contenham nellas, ás duzias, os erros e as affirmações infundadas. Não é tampouco para poupar a Bomfim. E' a urgencia de voltar a meu trabalho, interrompido por esta incursão nos campos devastados pelo theorista do parasitismo.

Mais umas palavras sobre o final do livro, final que tem por titulo—*Resumo e Conclusão*, e terei posto remate a estes simples e innocentissimos artigos.

Nesse final é que Bomfim propõe o REMEDIO para todos os males latino-americanos: a *instrução*.

Repete esta panacéa por cerca de cincoenta paginas. Eis aqui uns trechos significativos: «Soffremos, neste momento, uma inferioridade, é verdade, relativamente aos povos cultos. E' a IGNORANCIA, é a falta de preparo e de educação para o progresso, eis a inferioridade effectiva; *mas ella é curavel (Como medico, Bomfim sabe que as mazellas são curaveis...)* facilmente curavel. O REMEDIO está indicado. Eis a conclusão ultima desta longa demonstração: a necessidade imprescindivel de attender-se á INSTRUÇÃO popular, si a America latina se quer salvar». (Pag. 399.)

E' mais: «Ahi está o REMEDIO contra o nosso atrazo, contra a miseria geral; e os que teem o coração bem no seu lugar não se pôdem negar a essa obra de redempção social... Façamos a campanha contra a *ignorancia*; não ha outro meio de salvar esta Ame-

rica... O progresso é um triumpho, —a victoria crescente sobre a natureza; e na batalha que a elle condúz, a primeira condição é estar desembaraçado da *ignorancia*, dos preconceitos e dos desalentos que nella se geram, *conhecer* os inimigos a vencer, *conhecer* os recursos que pôdem servir, *conhecer* o alcance de cada tentativa, *conhecer, conhecer, conhecer* de mais em mais... Sem isto, sem a *instrução* da massa popular, sem o seu realçamento, não é só a riqueza que nos faltará: — é a propria qualidade de *gentes* entre as gentes modernas.. Calemos queixas e condemnações vãs; na hora actual, só ha um meio seguro de convidar os individuos á actividade: é INSTRUIL-OS (*Como se engana! Alguns conheço instruidissimos que são os mais apathicos e preguiçosos que é dado imaginar!*); não se comprehende, hoje, trabalho que não seja intelligente». (Paginas 390, 400, 401 e seguintes.)

Trechos, como estes, abundam no *Resumo e Conclusão*. E' inutil multiplical-os. Não resta sômbra de duvida: a INSTRUÇÃO é o remedio proposto por Manoel Bomfim aos males latino-americanos, respectivé — aos males brasileiros.

Inscrevo-me resolutamente contra essa these. A instrução, com ser uma bella coisa e uma arma muito util, é inefficaz para preparar um largo e brilhante futuro ao Brazil.

Parece paradoxo, maximé depois que, de 1870 em deante, começaram as arengas francezas, verdadeiras lôas em prôl da instrução, como a coisa unica que poderia reerguer aquella nação, humilhada pelas victorias allemãs. Parece paradoxo; mas não é.

A historia dá testemunho de gentes altamente cultas que arrastaram sempre uma existencia ultrajada e mesquinha. Dá tambem, em compensação, testemunho de povos, menos cultos que seus rivaes e contemporaneos, que a estes ultrapassaram sempre em prestigio e bem estar.

A India foi sempre terra de gentes ultra-cultas. Os sabios *brahmanides*, e, ainda mais, os *budhistas* não tiveram nunca rivaes na cultura, durante toda a antiquidade, toda a idade-média e grande parte dos tempos modernos, o que não impediu aquelle desgraçado paiz de arrastar uma vida politica detestavel, que o tornou a victima de constantes e repetidas conquistas.

A China, em compensação, menos culta, mas de um genio mais pratico, mais seguro, mais sensato, é uma verdadeira maravilha da historia por seu espirito de resistencia.

A Grecia foi sempre não só mais culta sinão tambem muito melhor dotada de qualidades intellectuaes,

méramente intellectuaes, do que Roma, o que não impediu de ser a primeira uma terra politicamente infeliz e a outra um modelo de força organisadora, que chegou a assombrar o mundo. A menos *instruida* acabou por conquistar a sua *mestra* nas lettras e sciencias.

O imperio bysantino era, na Europa, a terra mais culta que existiu durante toda a idade-médida; lá estavam concentradas todas as luzes da antiguidade. Mas, nem por isso, deixon de fazer uma figura desgraçada durante aquelle periodo. Povos rudes e barbaros atiraram-no para o segundo plano e ultrapassaram-no em influencia e prestigio.

A Italia do Renascimento foi a patria do *humanismo*, a rainha das *lettras* e das *artes*, o que não a impediu de ser apenas uma simples *expressão geographica*, na phrase caustica de Metternich. A França, por aquelle tempo, invadiu-a com vantagem.

Hespanha, França, Austria e a propria Inglaterra tinham mór valia no mundo do que ella, e eram muito menos instruidas.

Mesmo nos tempos modernos, não errará quem sustentar a superioridade da alta cultura italiana e franceza sobre a dos Estados-Unidos e da Inglaterra, e, não obstante, estes excedem aquellas immensamente em espirito de iniciativa, plasticidade constructora, capacidade de organização, genio inventivo, energia de vontade, poder de ordem e de mando.

Nós mesmos, aqui em nosso Brazil, temos altos talentos, cheios de enorme instrucção, nomeadamente nas carreiras technicas, entre advogados, medicos e engenheiros, muito mais illustrados que o geral dos juristas, esculapios e mechanicos inglezes e norte-americanos, máu grado o que, não passamos da situação miserrima em que nos debatemos, e aquellas nações andam á frente da humanidade.

A consequencia ineluctavel de tudo isto é que intelligencia e instrucção não bastam para seleccionar povos e propulsionar nações. Alguma coisa existe de mór valia no caso, coisa essa que anda muito descurada entre nós, pobres francelhos de arribação consumidos pela vaidade, estragados pela vesania da phrase.

Suppondo-nos eguaes, sinão superiores, a todos os povos, ainda os mais illustres e cultos, pensamos que para os egualar, ou até exceder, nos basta apenas frequentar as aulas e encher a cabeça de theorias, doutrinas, sistemas, opiniões, fórmulas, receitas, etc. etc.

Dahi, esse badalar, que se ouve de todos os lados, de *instrucção, instrucção*, o que nos falta é a *instrucção* !...

Não póde haver maior engano. O

Rio de Janeiro está cheio de escolas, collegios, lycens, aulas publicas e particulares, academias civis e militares, conservatorios, cursos de bellas-arts, cursos commerciaes; transborda de poetas, romancistas, contistas, criticos, jornalistas, homens de lettras de toda a casta, de todos os generos, de advogados, medicos, engenheiros, publicistas de todos os matizes, padres de todas as religiões, feiticeiros de todas as magicas sonhadas e por sonhar, politicos e politiqueiros de todos os credos e de todas as côres, e nada obsta a que sejamos frivolos e incapazes. Nada quasi existe digno de nota, neste paiz, de norte a sul e de léste a oeste, que seja uma conquista exclusiva, um acto de força creadora, autonoma, só da vontade nacional. Quasi tudo tem sido provocado pela iniciativa insistente do capital estrangeiro, que procura collocar-se e auferir lucros.

As forças vivas do paiz, as empresas de vulto, a navegação, o alto commercio bancario, o importador e o exportador, as industrias, as fabricas, na quasi completa generalidade, tudo está em mãos dos que sabem preferir trabalho, progresso, fortuna, bem-estar, a enfiar palavras e alinhar sonetos.

A mania da instrucção, como panacéa para curar males e desventuras nacionaes, foi febre franceza, após os desastres da guerra de 1870.

Ferido o orgulho daquella nação illustre, não poderia occorrer que os motivos mais serios do desastre estivessem em certas qualidades do *character*. Não; estavam, com certeza, nas lacunas da *instrucção imperial*...

Houve rebate geral; chegaram a postos Israel e Judá; formaram-se commissões, congressos, para se tratar da instrucção dos tres grãos; escreveram-se livros que enchem uma bibliotheca, alguns devidos ás mais illustres pennas dos mais famosos sabios e homens de lettras.

Era uma obsessão. Não havia tal atrazo da instrucção. A mentalidade franceza era, nesse tempo, representada por homens, como Littré, Taine, Renan, Berthelot, Claude Bernard, Pasteur, Bréal, Scherer, Th. Ribot, Jubainville, Fustel de Coulanges, Broca, Monod, Victor Henry, Zola, Daudet, Flaubert, Sorel, espiritos de primeira ordem na philosophia, na critica, nas sciencias, na historia, nas lettras.

O proprio Renan, que tomou parte activissima na campanha, dizia, então, que, a despeito de certas vantagens, a Allemanha não possuia, pelos annos de 1870, — um prosador como Sand, um poeta como Victor Hugo, um critico da envergadura de Sainte-Beuve, um homem de imaginação como Michelet, um character austero de philosopho como Littré.

E, todavia, o famoso historiador das *Origens do Christianismo* affirmava que a causa primordial da derrota de sua patria estava na inferioridade da sua organização do ensino. Elle insistia sobremaneira na bôa contextura do *ensino superior*, que devia dar o tom e o sentido ao *primario* e ao *secundario*. E' que lhe parecia decisivo, no assumpto, o exemplo da Allemanha. «La force de l'instruction populaire en Allemagne vient de la force de l'enseignement supérieur en ce pays. C'est l'université qui fait l'école. On a dit que ce qui a vaincu à Sadowa, c'est l'instituteur primaire. Non; ce qui a vaincu à Sadowa, c'est la science germanique, c'est la vertu germanique, c'est le protestantisme, c'est la philosophie, c'est Luther, c'est Kant, c'est Fichte, c'est Hegel. L'instruction du peuple est un effet de la haute culture de certaines classes. Les pays, comme les E'tats-Unis, qui ont créé un enseignement populaire considerable sans instruction supérieure sérieuse, expieront longtemps encore cette faute par leur médiocrité intellectuelle, leur grossiereté de mœurs, leur esprit superficiel, leur manque d'intelligence générale.» (*Questions Contemporaines*, pag. VI).

Creio bem que a alta cultura universitaria, movida de 1830 e, nomeadamente, de 1848 em deante, no sentido do mais puro e fervente nacionalismo, tenha influido na Allemanha para a formação do *character* do povo, como força moral, e haja, por isso, agido nas victorias daquella vigorosa nação.

E' que esse activo, esperançado e tenacissimo *character* já existia, e a sciencia, tomando-lhe a coloração, era já um resultado delle, que veio ajudal-o, funcionando tambem como causa de alento, ousadia e vida.

Isto creio eu; mas toda a sciencia do mundo junta seria incapaz de fazer a unidade germanica e levantar aquella nacionalidade ao ponto fulgurante em que hoje se acha, si esse povo exemplar não tivesse a fibra que produz os altos feitos, abatendo reinos e levantando imperios.

Poderia Renan ficar certo disto; e as linhas finaes do seu trecho reproduzindo véem dar-me razão. Elle consigna a inferioridade da organização dos altos estudos nos Estados-Unidos. Entretanto, si as derrotas da Austria em Sadowa e da França em Sedan se devem á superioridade dos estudos universitarios da Allemanha, a situação desfavoravel dos norte-americanos pelo referido lado — não os priva de estarem, na influencia mundial, acima da França e d'Austria, que venceriam, por certo, em lucta aberta nos campos de batalha, si as fatalidades da historia os conduzissem a essa apertada conjunctura.

Tenho, pois, duvidas muito serias ácerca das excellencias therapeuticas da panacéa *instructiva* do sr. Manoel Bomfim, maximé, conhecendo a fundo, como creio conhecer sem medo de contestação séria, o deploravel estado de apathia e vacuidade do character brasileiro, e sabendo, por experiencia de mais de quarenta annos, o que é e em que consiste o valor do ensino no Brazil... Produz, por via de regra, nas classes, não direi *inferiores*, porque este qualificativo assanha os prophetas da Avenida, os *libertarios* das confeitarias, mas nas classes menos *favorecidas*, menos bem collocadas, u'a meia-ciencia, u'a meia instrucção que faz em cacos cabeças e corações, insuflando-lhes vaidades incoerciveis, que desesperam os mais bem equilibrados. Nas classes chamadas *dirigentes*, superiores, entre os afamados intellectuaes, quasi sempre serve apenas para requintar-lhes certos feitos de raça.

A instrucção não muda o genio apathico, contemplativo, si quizerem, sonhador, chimerico do povo.

O brasileiro instruido reforça suas qualidades ethnicas e dá para jornalista, litterato, poeta, fazedor de chronicas, orador, rhetorico generalizador de banalidades, de palavras que lhe parecem *bonitas*, de phrases que suppõe bem urdidas, bem equilibradas.

Genio creador, espirito de iniciativa, disposição para conquistar a vida por si, vencendo todas as difficuldades, atilamento para emprezas ousadas e seguras, a *vis orgnmisatrix* das grandes almas plasticas e productivas, não lhe surgem jámais.

E bem se vê quanta razão tinha Spencer contra Buckle, quando affirmava que as forças *moraes* levam preferencia ás méramente *intellectuaes*, como estimulos de acção e alavancas de progresso.

Não sei si o nosso interessante sr. Manoel Bomfim comprehende bem essa allegação. Como professor de psychologia, deve saber do papel da sensação e da idéa na formação desses productos syntheticos, na linguagem de Wundt, que se chamam *sentimentos*, e entender, d'est'arte, a força das *emoções*, seleccionadas pela hereditariedade, na formação do *character* das nações, respectivé a força que representam ellas como moveis de acção.

Não é preciso juntar mais nada para comprehender que Spencer tinha acertado.

Indispensavel é lançar as vistas sobre a solução do sr. Manoel Bomfim e as idéas que lhe devem ser oppostas.

SYLVIO ROMÉRO.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e anno de 1905.

ARMADA NACIONAL

A ignorancia dos nossos commandantes — Os promovidos com preterição dos collegas — A eloquencia dos factos.

O *Riachuelo* saíu do Rio de Janeiro, em 99, commandado por um capitão de fragata, pouco depois promovido a capitão de mar e guerra. Dirigia-se á Ilha Grande, que dista 60 milhas da barra da nossa bahia. Ora, o navio navegou 10 horas a 9 milhas por hora e não encontrou essa ilha. O commandante conferenciou com o immediato, então capitão-tenente e hoje capitão de fragata, posto que alcançou por merecimento, preterindo treze collegas, a despeito da uninimidade da marinha apontal-o como o mais ignorante e destituído de intelligencia dentre os seus membros, e o immediato aconselhou então que se consultasse um guarda-marinha, official de bordo, que, segundo suas palavras, entendia da coisa. A coisa era ler e corrigir rumos, sciencia sem a qual, em qualquer marinha, nenhum marinheiro-grumete obteria acesso, e na nossa marinha nenhum poderia ser signaleiro!

Convém dizer que, de 1893 até hoje, nem esse commandante, nem esse immediato fizeram outra viagem, além desta, do Rio á Ilha Grande.

Entretanto, nesse intervallo de 13 annos, o primeiro teve uma e o segundo duas promoções. A proposito deste, conhecido desde os tempos de escola, como ignorante e curto de talento, conta-se a seguinte anedocta: Interrogado propositadamente por um collega sobre o numero dos meridianos que existem na superficie da Terra, respondeu:

—Tres.

E como o outro risse da asneira, elle, dizendo ter respondido por espirito, accrescentou:

—São quatro, bem sei: os de Greenwich, Paris, Rio de Janeiro e Ilha do Ferro.

Como nova risada acolhesse essa segunda resposta, o então primeiro tenente zangou-se e retrucou:

—Daqui a pouco, você quererá que haja mais de vinte meridianos!

O *Andrada*, regressando da Ilha Grande, onde estivera em serviço quarentenario, tambem em 99, encalhou na restinga da Marambaia, ás 5 horas da manhã! E depois, tendo de seguir para Santos, quasi volta para o norte, por terem de bordo avistado os «Alcatrazes», ilhotas que ficam 40 milhas ao norte de Santos, e terem julgado que se tratasse da «Queimadas», ilhas que demoram 30 milhas ao sul do

mesmo porto. E só verificou o equívoco um segundo-tenente, havia pouco promovido!

O commandante do *Andrada* nesta occasião, de 1890 até 1905, não fez outras viagens sinão essas: do Rio á Ilha Grande e da Ilha Grande a Santos!

O *Caravellas*, bordejando na bahia do Rio de Janeiro, encalhou, com bôa viração e maré fraca, na ponta do Arsenal de Guerra. Quando sentiu seu navio encalhado, o commandante, que não dera providencia alguma para evitar o *fiasco*, desceu á camara afim de consultar o compendio de manobra de Wandenkolk, com o intuito de safar o navio, e, nada adeantando, entregou a manobra a um guarda-marinha, que saíra havia pouco da escola!

Esse commandante, capitão-tenente, de 1892 até 1905, nunca saíu a barra do Rio de Janeiro em navio de guerra.

O cruzador *Tiradentes*, em 1898, foi mandado para o Amapá; devia tocar, entre outros, no porto da Victoria; pois só se apercebeu o seu commandante, de que passára a Victoria, na altura do Rio Doce, 80 milhas ao norte daquelle porto.

O couraçado *Deodoro* foi, em 1904, durante alguns mezes, commandado por um capitão de mar e guerra, que deixára, havia pouco o commando do *Benjamin Constant*, onde realizára uma viagem ao estrangeiro. Nessa viagem, seu papel como primeira auctoridade de bordo foi nullo, o que em geral succede com os nossos commandantes em viagem, pois quasi todos, ignorando por completo a nautica, se entregam de corpo e alma a officiaes encarregados da navegação. Dos poucos que se afastam desse procedimento, quasi todos commettem os erros que vimos narrando.

Voltemos, porém, ao commandante de quem agóra tratamos. Seu papel fôra nullo e chegára a ser pouco elevado, como encarregado de missões diplomaticas, desembarcando em Nova-York trajado e dolman e calça branca, indo a um spectaculo na *Opera*, de Paris, com uma cartola emprestada pelo nosso ministro na França, e praticando muitos outros factos de igual valor.

De volta do *Benjamin*, fôra, como dissemos, commandar o *Deodoro*. As torres em que se abrigam os grossos canhões deste navio, teem, para seu serviço, uma porta couraçada, cujo movimento é feito por um duplo volante. O commandante devia conhecer esse particular, porquanto, dias depois de embarcar no *Deodoro*, se vira na contingencia de chamar um official para abrir aquella porta, que elle, commandante, inadvertidamente fechára,

sem ter tido sequer a intuição, de, para abril-a, girar o volante em sentido inverso. O official abriu a porta em sua presença e, assim, repetimos, elle devia conhecer o fim para o qual allí estava o volante. O movimento da torre do *Deodoro*, torre a que mesmo um leigo não attribuiria pezo inferior, com o seu conteúdo, a 70 ou 80 toneladas, é executado ou por electricidade, ou por força muscular, sobre alavancas situadas sob o convéz couraçado e possível de ser obtida por nunca menos de 12 homens.

Ora, quinze dias talvez depois de passado o facto acima referido, da abertura da porta, o actual ministro da Marinha foi visitar o *Deodoro*. O commandante levou s. ex. para o interior da torre, fazendo-se acompanhar pelo immediato do navio, ajudante de ordens do ministro e outros officiaes, e, uma vez lá chegado, querendo dar movimento á torre, cuja excellencia affirmava, poz-se superiormente a girar o volante para fechamento da porta; esta cerrou, o compartimento ficou ás escuras, e immovel a torre naturalmente. Então, o commandante, dirigindo-se ao immediato, fez notar o estranho caso; este respondeu-lhe como devia: a torre não se movia por aquella fórma, disse. O commandante,—já querendo com alguma avaria extraordinaria, desculpar sua evidente ignorancia, que numa marinha seriamente administrada lhe custaria a demissão,—allegou o facto de dias antes se ter conseguido mover a torre, ao que ainda o immediato redarguiu: sim, moveu-se, mas com quatorze homens trabalhando nas alavancas; seria exigir muito, querer um homem só realizar o movimento.

O ministro riu amarello e oito dias depois promovia aquelle capitão de mar e guerra a contra-almirante, por merecimento!

Esse official, entre 1891 e 1905, a unica viagem que fez foi a do *Benjamin Constant*, a que já nos referimos.

O navio escola *Trajano* saiu do Rio de Janeiro em 1903, commandado por um capitão de fragata, promovido a esse posto preterindo treze collegas, e auctor de um roteiro da costa do sul do Brazil. A viagem comprehendida devia ser exactamente para esse trecho do nosso littoral, sobre o qual tambem o immediato do navio escrevera um roteiro. Pois bem, a despeito disso, quando o navio aterrou para a entrada norte de Santa Catharina, caíu, devido a correntes que sobre elle actuavam já, mais de 20 milhas ao sul. Por isso, o commandante, auctor de um roteiro, tendo por immediato, outro

auctor de roteiro, mandou chamar á casa das machinas, onde se achava de serviço, um guarda-marinha machinista, natural do Estado de Santa Catharina, a fim de servir de pratico, até que o navio fundeasse!!

Verdade seja que o tal roteiro do commandante constitúe uma tristeza para o nossa marinha de guerra, assignado, como é, por um capitão de fragata.

Esse mesmo official, commandando mais tarde um dos navios da celebre divisão do norte, e percorrendo-o com uma familia que o fôra visitar, não conseguiu abrir a culatra dum canhão de 57 m/m Nordenfelt, por ignorar a existencia de uma móla, que, na posição em que se achava, impedia a abertura. Feito o fiasco, declarou logo, dogmaticamente, que o canhão não funcionava, e foi, no mesmo momento, desmentido por um official presente, que deslocou a móla e abriu a culatra.

Em tudo isso, não ha o menor excesso, o menor exaggero, a mais leve preocupação de maldade. Si fazemos essas referencias, aliás com grande magua, não fazemos menos com um alto sentimento de dever, sentimento honesto e calmo.

TONELERO.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

ATRAVÉZ DA CORDILHEIRA ATÉ Á MALOCA DO TUICHÁUA DO CASTANHO

O illustre chefe tardaria ainda mais de uma semana para chegar ao nosso porto, porque as suas embarcações carregadas não poderiam vencer facilmente a forte correnteza do Marary, cujo curso é frequentemente obstruido por extensas cachoeiras.

Tinhamos, portanto, tempo de sobra para ir ao rio Castanho e voltar antes que chegasse o grosso da commissão.

Desejava colher pessoalmente informações daquella parte da fronteira, a fim de facilitar e accelerar os nossos trabalhos.

O Stradelli, que já devia ter voltado, demorava-se muito. Cada hora que passava augmentava as nossas apprehensões ácerca do que lhe teria acontecido.

Já me arrependia de tel-o mandado só com dois indios desconhecidos, por aquellas brenhas inexploradas, das quaes nada sabiamos sinão por elles proprios, que nos diziam sómente aquillo que lhes parecia ser-nos agradável.

Sabiamos, entretanto, que bem perto de nós viviam selvagens ainda no periodo da pedra polida, como attestavam os seus largos machados de gume curvo e afiado, de cabos curtos de madeira rija, presos por fortes atilhos de tucúm, bem enrolados e brêados.

— Que será feito de Stradelli? Perguntavamos o Jardim e eu, um ao outro—Esperemos até amanhã.

— Si não vier, partirei com os dois soldados e o Aturre em sua procura.

— E commigo tambem, accrescentou o bom amigo.

No dia seguinte, depois de amanhecer, preparámo-nos para a excursão á outra banda da cordilheira.

Eramos cinco: Jardim e eu, os dois camaradas e o Aturre—nosso guia.

Cada soldado levava a sua minié e a patrona recheiada de cartuxos. O indio tinha em logar da folha de parreira um *cuéio de turury* e, a tiracollo, um carcaz cheio de pequenas flechas de *pashiuba (uinamirins)*, com as pontas cerceadas para se romperem na ferida e tão untadas de *uirary*, que pareciam alcatroadas. Ia sem arco. A sua arma era uma zarabatana longa, de um negro lustroso, com bocal de *muirapiranga*, e uma alça de mira bem a meio, feita de um grande dente de cutia sobre uma saliencia de breu misturado com cêra de abelha.

O Jardim e eu, em mangas de camisa, calças de brim pardo, grossas servilhas de couro branco, presas as pernas por ataduras de embira, que nellas se enleivavam até á altura das pantorrilhas, faca de matto bem amolada, pendente de um largo cinturão de pelle de giboia, onde brilhava na altura do quadril direito a coronha de um revólver de guerra. Tinhamos as nossas clavinas Winchester com a carga completa de quatorze tiros.

Cada um levava, a tiracollo, a sua rede e o Aturre conduzia os mantimentos: — sal, farinha d'agua e um pouco de xarque para substituir a caça quando faltasse.

Distribuímos tambem, entre os quatro, algumas latas de sardinha e mortadella.

Munimo-nos de uma bussola de al-gibeira e um aueroide de cazella. Iriamos fazendo o reconhecimento expedito do caminho.

O velho Osorio ficára tomando conta do acampamento e encarregado de dar corda aos chronometros, em hora certa.

Partimos. O dia nublado auguravamos calor e chuva, os poderosos factores da magnificencia daquellas terras. Ao descermos o serrote, para onde nos mudámos depois da noite memoravel da enchente, cruzámos o igarapé—Taperebá—estreito, limpo, raso, cujas aguas mal nos passavam dos joelhos e corriam em madre de

areias alvas, onde a mica e o quartzo scintillavam ás vezes, quando feridos por algum raio de sol, que conseguira romper a abobada espessa, que sentiamos oscillar brandamente a mais de quarenta metros acima das nossas cabeças.

Mal tínhamos exgotado a agua dos nossos chinellos e nos preparavamos para subir a serra do Ussá, (carangueijo) que se empinava deante de nós, o Aturre abaixou-se e encostou um ouvido ao chão.

— Aiquê oúri, miráitá... (Ahi vem gente)—disse.

— Auá-tahá? (Quem?) Perguntei.

— Casiua, cupi-tenhem, (Branco de certo.)

Escutei, todos escutámos, e só ouvimos o zumbido dos insectos e os gritos amortecidos dos papagaios na distante comedia.

Seguimos.

A serra era extensa e aspera, chegámos ao cume meio fatigados. Eu parecia ter esquecido os bons tempos de alferes de infantaria.

Ao descermos a encosta opposta, ouvi um rumor meio apagado de vózes humanas, que se misturavam e se confundiam com um murmúrio de aguas.

Devia ser o Stradelli. Gritei por elle e a sua vóz amiga respondeu em notas alegres, que extinguiram os nossos cuidados.

Em pouco tempo, nos abraçavamos como si tivesse sido muito longa a ausencia.

Deu-me boas noticias da malóca do Castanho e do velho tuicháua, que nos promettia uma visita proxima.

Estavamos numa clareira pittoresca, cortada a meio pelo igarapé *Uruary* (dos caramujos), que passava crystallino, saltando de pedra em pedra, até sumir-se nas profundezas daquella matta infinda.

Ardia crepitante um grande fogo perfumado de canella sassafráz, onde um dos indios assava no espêto um mutum gordo, que o Stradelli matára com o tiro onvido pelo Aturre, que por isso affirmára a vinda do branco.

Deixei o bom amigo esperando o seu almoço. Pedi-lhe que substituísse o velho Osorio no serviço da corda aos chronometros e mandasse a sua gente, que já vinha reforçada por dois indios do Castanho, construir um galpão e roçar o nosso acampamento.

Eu tinha o maior interesse em ser agradável ao meu querido chefe, que, além de mestre e amigo, era um homem de qualidades excepcionaes.

Subindo e descendo cerros, contrafortes da alta serraria do divisor de aguas, atravessando arroios e valles sombrios com extensos brejos, onde ás vezes nos enterravamos até acima dos joelhos, sentimos que se approximava rapido o descambar do dia. Tratámos

de buscar um pouzo, para passarmos a noite.

Quem viaja pelas florestas virgens do Amazonas deve pouzar cedo, porque muito antes do occaso do sol, já é noite debaixo daquella cupola impenetravel aos raios luminosos muito obliquos. E' preciso fazer alto muito cedo, para ter tempo de cortar lenha, accender o fogo, preparar a comida, escolher uma arvore que não tenha galhos seccos para dormir por baixo mais tranquillo, cortar folhas de inajá ou de *bossú*, quando não ha bananeiras sororócas, para abril-as como um leque sobre a rede e abrigal-a da chuva e do sereno, que cae e gotteja muitas vezes copioso como ella.

O Aturre conhecia melhor aquellas brenhas do que a rua do Onvidor o mais genuino peralvilho carióca, e, apartando-se da trilha, encaminhou-nos para a esquerda.

A algumas centenas de passos além, chegámos a uma aberta onde havia um pequeno tejupar de caçador, junto a um arroio de alveo lageado.

Estavamos num valle profundo da serra de Tapiirapecó. A palhoça já tinha alguns manojos do tecto corridos, além de seccos. Ninguem se animou a pedir-lhe abrigo, que seria partilhado por alguma jararaca preguiçosa, aranhas caranguejeiras, lacráus e formigas de fogo, hospedes habituaes dos ranchos abandonados.

Mandei fazer uma bella fogueira entre mim e o Jardim. Depois de ter enxugado ao fogo as meias e as calças molhadas, calcei-as novamente sem levar em conta o acre cheiro da fumaça. Accendi o meu grande cigarro de *tauary* e estirei-me commodamente e meio atravessado na maqueira de merity, sem dar grande importancia a um ou outro *carapanan* impertinente que me vinha cantar ou ouvido. A noite, excessivamente humida, tornava-se fria.

Raramente naquellas paragens da serra divisoria, quer nos valles, quer nas cumiadas mais altas, o thermometro baixa a 16 gráns. A humidade, porém, é tão grande que se tiritita de frio, tanto ou mais do que nas coxilhas brancas de geada dos campos dobrados do Rio Grande.

Pouco a pouco, a nossa fogueira foi se apagando e diminuindo a palestra com o Jardim. Já se ouvia o resomnar sadio dos nossos tres rudes companheiros, cuja vida, mais material do que a nossa, os livrava de devaneios. O Jardim não respondia mais ás perguntas que eu lhe fazia; havia tambem adormecido. Eu era o unico que não dormia. Comprazia-me em sonhar desperto, voando na phantasia, em busca de uma imagem muito querida, que me enchia todo o coração.

E' indiscriptivel o que se sente, á

noite, no seio duma floresta virgem das terras altas do Amazonas. E' preciso ter lá vivido longos mezes como eu, — passando semanas inteiras sem conseguir lobrigar uma nesgasinha azulada do céu, nem ver luzir uma estrella, enterrado naquellas assombrosas catacumbas, onde os pilares são os troncos collossaes, e os cipós entrelaçados formam os nichos rendilhados e bordados de arabescos caprichosos, — para ter uma idéa da solemnidade daquella natureza surpreendente.

As florestas amazonicas são microphonicas á noite. No augusto silencio da solidão, o menor ruido assume enormes proporções. Uma folha que cae, um fructo que se desprende, um galho que range, um reptil que passa, um morcego que esvoaça rapido e incerto, parecem pedras que se desmoronam, golpes de machado, vózes de temporal, marchas de regimentos, assuadas de multidão. Quem, immerso nessas sombras mysteriosas, puder velar, como eu velava nessa noite, escutar o que eu escutava, ouvirá, como eu ouvi, saído do seio da terra, uma orchestra de vózes phantasticas que cantavam alegres ou gemiam angustiadas, trovas ternas de amor e canticos de guerra, gritos de desespero e clamores de misericordia.

A minha alma, profundamente suggestionada, enchia-se de supersticioso pavor, e irrompia do seu seio, espontaneo e á surdina, um hymno de admiração á infinita magestade do auctor de tantas maravilhas.

Ninguem, por essas regiões, se apraz em dormir nas mattas. Os proprios selvagens, sempre que podem, preferem as praias para passarem a noite.

Já muito tarde, um frio muito intenso despertou-me. A escuridão seria completa si não esvoaçassem bandos de vagalumes de luz esverdada. Os fogos estavam apagados. Na minha fogueira, nem um tição ardia mais. Quiz chamar o Antonio, meu camarada, para atical-a; mas absteve-me de tal, porque eu podia passar, tambem, como elle e os outros, sem fogo, até amanhecer. Dahi a pouco, onvi um ruido estranho, como si toda aquella selva tivesse dado um gemido. Os rumores augmentavam e já se sentia o movimento da ramalhada das arvores, agitadas pela ventania. O Jardim despertou e os soldados tambem. O Aturre chegou-se á minha rêde e disse baixinho: «Yuitúayua» (temporal). Já eu sabia, porque estava habituado aos prodromos das tormentas. Felizmente, a arvore que nos cobria não tinha galhos seccos. Eu proprio tive tempo de examinal-a antes de escurecer. O Antonio despertou os fogos e o indio foi com João Antonio

cortar mais algumas folhas de palmeira para reforçarem o toldo das nossas rédes.

O vento rugia e sibilava e, de vez em quando, ouviamos proximo o baque de um galho, que se partia ao cair. Os cimos açotados torciam-se e rangiam desordenados. Os relampagos fuzilavam sem cessar, e a luz azulada penetrava através dos claros abertos pelas lufadas e vinha illuminar os arredores do nosso pouzo perdido naquella immensa solidão, onde, talvez, nos espreitassem, áquella hora, olhos de cubiça e de fome. Ouviase a vóz medonha do trovão, que echoava pelas quebradas além, até perder-se num ronco lugubre. A chuva caía aos borbotões. Havia gotteiras por toda a parte e os nossos toldos não nos podiam mais abrigar. E lembrava-me de uns versos de Sophocles, do drama perdido das Timbaleiras, que eu traduzira mal, em outros tempos :

«Não ha prazer tão bom e tão jocundo,
Como ouvir, deitado numa bôa cama
Coberta enxuta, a alma em desvaneios,
A chuva qu'em cascatas se derrama.»

A enxurrada passava veloz e ruidosa, por baixo de nós. Quiz levantar-me, mas reflecti e deixei-me ficar, molhado como estava, esperando o dia, que não tardaria muito. As chuvas de trovoadas duram pouco, como tudo que começa com grande bulha. Já não chovia, nem rugia o trovão. Os relampagos tinham cessado e amainado o vento. Acima da floresta, o céu era limpido e as côres roseas da madrugada deviam dar um tom alegre áquellas serranias. Nós, porém, nada viamos e sentiamos o gottejar das folhas sobre nós. Debaixo da matta, chovia ainda e muito. Quando a brisa matutina perpassava mais ligeira, agitando as frondes molhadas, caía sobre nós um agnaceiro. Clareára o dia e o lobrego scenario se transformára. A natureza parecia despertar ás caricias da luz benefica do sol, cujos raios mal coados, apenas desciam raros para nós.

Cessaram, por encanto, os tetricos rumores das mil vózes phantasticas que tanto nos impressionaram; calaram-se todas fugindo ao sol, que espalhava a alegria e a vida. Ouviase a vozeria da passarada cantando e gorgueando e voando, em bandos e aos casaes, para as fructeiras. Os papagaios passavam ruidosos para os igapós, e araras—*tauas* e *pirangas*—dando gritos estridentes, iam pouzar, duas a duas, nos galhos mais altos das arvores mais gigantescas.

Os japiins, (chechéos) communistas nas suas colonias suspensas, arremedavam zombadores os outros passaros cautores—os japús côr de ouro e elegantes, os canções insolentes e pro-

vocantes, as sahíras brancas de cabeça e azas azues, os tangarás de sete côres, os surucuãs esmaltados de esmeraldas e ouro fôsko, até as amorosas rôlas e tudo quanto vóa e canta, menos o tamurupará, cujas melodias alegres elles não podiam ou não se atreviam a imitar, porque tinham medo, dizem os indios, do que aconteceu ao velho tamuia, o avô galho-feiro, cujo sangue, como um trophéo de victoria, tinge o peito dos herdeiros do bello cantor, que o matou.

Gemia um mutum bem perto de nós. O Aturre saiu com a zarabatana certa e pouco depois voltava com elle já sem vida, tendo apenas no peito a ponta da flecha envenenada. Foi o o nosso almoço.

Puzemo-nos em marcha tomando rumos com o agulhão e contando passos, porque nos faltava um podometro.

Mais adeante, ouvimos uma chilreada de passaros, que esvoaçavam em numeroso bando. Dir-se-ia que toda a gente alada daquellas redondezas se havia convocado para aquelle concerto immenso. Passavam vivos e alegres por nós e pouzavam mais adeante, saltitando nos ramos e cantando e chilrando sempre, como si applaudissem e prestassem homenagem a um sêr superior.

Perguntei ao Aturre o que era aquillo. Respondeu-me :

—*Uirapurú.*

Compreendi então. Era o passarinho encantado e miraculoso das florestas amazonicas, que passava por nós levando após si as saudações entusiasticas dos seus companheiros, que cantavam de alegria, por verem-no alli. Foi um espectaculo curioso, que ficou bem gravado na minha memoria. Havia centenas, talvez milhares, de passaros entusiasmados, que cantavam, saltando sem cessar.

Dizem os indios que o pequeno uirapurú não se apanha vivo. Sómente morto, cáe nas mãos do homem que faz delle, empalhado, um talisman. A' tenda do negociante, que tem na gaveta do balcão um uirapurú, afflúe numerosa a freguezia. O caçador que o leva para o matto no patuá, nunca é *panema*, a *embiara* não falta. Os peixes saltam na canôa do pescador que o tem. As raparigas que o guardam junto ao seio tem sempre bons e guapos noivos.

No Amazonas e no Pará, a gente da terra não pôde passar sem um uirapurú, e, como são raros, ha muitos falsos.

Subindo e descendo, chegámos, á tardinha, ao cume de um alto cerro, donde vimos ondeando sobre o cimo longinquo da floresta, para as bandas do norte, uns focos alvacentos de

fumaça. Era a malóca do tuicháua do Castanho. Não podiamos lá chegar com dia.

DIONYSIO CERQUEIRA.

PAGINAS ESQUECIDAS

ULTIMA CARTA

(A UMA MULHER CASADA)

Escrevo-te a sonhar no meu passado,
Sonho, sonho, acordado
E como é bom sonhar !...
Tudo floriu, passou, mas tu que és bôa,
Se inda me tens amor, lê-me e perdôa
Se te fizer chorar : . .

Não peço — porque amor não se mendiga —
Essa illusão antiga
Que a magua me desfez.
Inda me tens amor, — creio-o — é verdade,
Casaste por capricho, por vaidade,
Eu sei tudo, bem vês ! . .

Tu nem te lembras já do que sonhaste
Do amor que me juraste
Com lagrimas no olhar . . .
Não desejaste, amor, viver commigo
Na paz tranquillã do meu lar antigo
Poisado sobre o mar ? !

Quantos beijos trocámos nesse instante !
Teu collo triumphante
Nos meus hombros poisou . . .
E penso com saudade, e por despeito,
Que um outro te apertou junto do peito,
Um outro te beijou !

Escreves-me, jurando eternamente
O mesmo amor ardente
Do passado distante ;
E choro ao ver-te assim já pervertida.
Fôste a noiva ideal da minha vida,
Não pôdes ser a amante.

Se fôsses minha amante — desgraçada !
Não serias amada.
Pôdes acreditar,
Beijando-te, num sonho, hallucinado,
Só beijaria a sombra do passado.
Já te não posso amar ! . . .

E's mãe, lembra-te bem do teu dever.
Tu pôdes-me esquecer,
Amando a tua filha
Hoje, como mulher, és só vaidade,
A tua alma perden toda a bondade,
O teu olhar não brilha . . .

Perdôa-me, mas estou muito exaltado,
O sonho do passado
Eu já não vejo em ti ;
Hontem, vi-te passar, e com desgosto
Passei o dia triste, mal disposto,
E só porque te vi !

Amo-te ainda, cre : como eras dantes
De modos hesitantes,
De timida belleza . . .
Agóra, quando passas, se me volto,
Esse teu ar, altivo e desenvolto,
Só me causa tristeza . . .

Não tornes a'screver-me, por favor.

E' tarde meu amor

Para ter ideaes.

Tu pódes ser feliz : és nova, és linda,

Eu apezar de tudo amo-te ainda,

Mas não te escrevo mais !

Váes ficar magoada, com certeza,

Com a minha franqueza,

Mas lembra-te por Deus,

Que se não fósse amar-te inda bastante,

Tu serias agóra minha amante...

Beijo-te as mãos. Adeus.

Lisbôa.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

* * *

ANTHROPOIDES

As quatro especies de anthropoides vivos apresentam na altura dimensões sensivelmente afastadas. O gibbon regula entre m. 0,90 e 1,15; o orango entre 1,20 e 1,60; o chipanzé e o gorilla orçam por 1,52. Não differem menos nos habitos do que na estatura.

O gibbon prima pela agilidade e pela graça dos movimentos. Galga de salto as arvores e despede-se como uma setta, de ramo em ramo, ua espessura do bosque. E' um acrobata. Suspeude o corpo em uma das mãos, balouça-se, calculando e medindo as distancias; e soltando uma, parte, avançando a outra mão, a poisar num ramo; dahi a primeira noutro lanço; e assim foge em saltos ou vôos como um funambulo nos trapezios.

Tem na physionomia uma expressão de infantilidade e um movimento que exprime a agitação voluvel de um instincto mais agudo do que reflectido. E' muito guloso de insectos e ninguem o excede na arte de os colher á mão. Trinca-os saboreando lentamente os succos, escutando o estallido dos membros e o ranger das cartilagens dos pequenos bichos. E' cruel, na sua infantilidade. Se o irritam, a féra apparece: saem de entre os beiços afastados os longos caninos brancos, e o rosto pardo e vellosos parece escarner e ameaçar ao mesmo tempo.

Musico, a sua vóz tem a extensão de uma oitava, e propriamente canta. Solta uma gargalhada estridente... *háááá*; e uma nota, *goëk... goëk...* ora mansa e quasi amorosa, ora terrivel e atroadora. Mas fóra dos momentos de colera, não ha outro mais docil, mais artificioso, mais presumido. Sabe partir uma nóz entre duas pedras, tirar-lhe cuidadosamente a carne para comer; sabe apertar com as mãos uma maçã, espremel-a, recolhendo o succo uuma folha de arvore, depois molhar as pontas dos dedos, leval-as á bocca, chupando, bebendo, saboreando, com gestos eloquentes de uma incontestavel gulodice. Burne-se, laube-se, escova-se, arranja-se para parecer bem,

e as mães levam ao collo os filhos, para os lavar de manhã no regato proximo.

*

Já nos predecessores dos homens se viam claramente os temperamentos humanos. O orango é misanthropo. Seguro e prudente nos actos, não salta, sobe. O gibbon agita-se, grita, gesticula em permanencia; canta e vae em bandos que o ouvem e o applaudem. O orango é taciturno e anda só. Apenas pela primavera se encontra aos pares, amando com ternura. Ainda imberbe, o gibbon solta-se dos braços da mãe e parte para a vida aventureira; o orango fica por largos annos. Tambem as mães deste são modestas, e dir-se-ia que conhecem o pudor; buscam o interior secreto da floresta para amar sem serem vistas, ao contrario das outras que por toda a parte, bestialmente, provocam o macho e se lhe entregam.

O orango elege para casa uma arvore e ali existe solitario e indifferente. De manhã sobe, á noite desce, grave e circumspectamente; e só a fome o obriga a viagens. Não salta, trepa. Adeanta um pé, tacteando o ramo, a ver se é solido; depois estende a mão, segura-se devagar, com pausa prudente, até chegar ao sólo, onde tem o leito. Construiu-o em moço, e dura-lhe para toda a vida. E' um monte de ramos, levantado do chão (3 a 7 m.) por causa da humidade; e largo (1 m. diam.) para se poder voltar á vontade. Dorme só; mas quer muito ao seu bem estar: por isso, de tempo a tempo, renova o colchão de folhas, afofa-o com molhos de fetos e musgos macios; e para que as ventanias e a chuva o não molestem, cobre-se com lençoes de largas folhas de pandaneas.

Conchegado, adormeceu. Está deitado de costas ou de lado, com as mãos, por almofada, debaixo da nuca, e ressona com um grunhir não raro commum a homens graves. Acorda logo ao romper d'alva; não se ergue por causa das nevoas perigosas da manhã. Só quando o sol, já quente, as dissipou, o orango deixa o leito; e sobe, vagarosamente, para o alto da arvore onde habita durante o dia. Mezes, annos após annos, desde que se soltou dos braços vellosos da mãe, até que, desdentado e velho, não podendo trepar já, fica em baixo esperando a queda das fructas sorvadas para comer; dias após dias, annos após annos, o orango passa a vida sentado no elevado tronco da sua arvore, o dorso curvado, a cabeça pendente, o olhar perdido no abysmo de folhagens verdes... e o pensamento?

Umas vezes, levanta os braços pendurando-os pelas mãos em dois galhos visinhos; outras vezes, acaso mais triste, acaso — quem sabe? — antevendo

as infinitas miserias reservadas á sua descendencia, ou já pessimista, aborrecido de viver na ignorancia do motivo; outras vezes, os braços cáem-lhe inertes ao longo do corpo, numa attitude de triste desalento...

A sua fleugma, porém, não exclúe a força, nem a colera. Atacado, defende-se como de uma fortaleza; despedaçando os troncos, lançando do alto uma chuva de madeiros e pinhas que véem como pedras soltas de uma funda. Colhido no chão, investe, abrindo a bocca desmesuradamente, adeantando as mãos espalmadas, soltando o seu urro guttural e baixo, como o rolar de um trovão. Depois, quieto outra vez, sentando-se, offegante, estende o longo beiço inferior para beber as gotas de chuva que o acalmam; e applicando o ouvido finissimo, e certo de que está outra vez só, abandona-se de novo á sua existencia indifferente.

*

Nenhum destes dois typos de anthropoides é o mais bravo da familia. O gorilla, mais bestial, menos homem do que os precedentes, é mais terrivel e, por um lado, superior, como veremos.

O seu aspecto repelle e infunde medo. Tem profunda a região molar, a bocca pavorosamente larga, os olhos grandissimos e a cabeça chata, sem capacidade para um cerebro volumoso. E' preto, e, como os negros, tem o nariz chato, os beiços carnudos e grossos, e um prognathismo monstruoso. Vive num estado de furia constante, enchendo os bosques com o terror da sua crueldade e com os pavorosos gritos da sua larynge ampla. Não se limita a defender-se: ataca. Investe com o beiço inferior pendente, a pelle da testa, uúa e negra, enrugada e tremendo, o pescoço curto encolhido entre os hombros herculeos, os braços longos adeantando as duas mãos armadas de garras, ou curvados para rufar sobre o tambor cavernoso do peito amplo, largando da bocca escancarada o seu grito estridulo e pavoroso... *kh-ah! kh-ah!*

Uma bofetada sua mata, um abraço estoiro; e morto o inimigo, as prezas açuladas, as garras de aço, despedaçam-u. Terrivel como individuo, é invencivel porque vive em bandos. A sua sociedade é um exercito, unido e disciplinado. O chefe é um general, um rei, eleito por um processo que os homens não deixaram de seguir—de um modo só aparentemente diverso. Os pretendentes ao mando batem-se; e aquelle que consegue ficar depois do combate a que só um póde sobreviver, é o rei, o general, o chefe.

*

Mais semelhaute aos homens numa singular caridade, é o chimpanzé. Docil, inoffensivo, não prima pela força;

mas sim por uma agilidade que lembra o gibbon, por uma intelligencia semelhante á do orango, por um instincto de humanidade que excede a todos.

Tambem vive em sociedade, tambem elege chefes ou reis, mas é o unico architecto. O orango sabe amontoar um leito; este constroe uma choça, uma casa. Diligente, bom, com o seu grunhido guttural, *who...who...who...* suspende-se a um tronco de arvore, verga-o com o proprio pezo: passa a outro, depois a outro, formando um circulo. Os troncos dobrados tocam-se, penetram-se, e o chimpanzé liga-os, tecendo-os, atando-os. E' assim que constroe um tablado ou uma rede, suspensa das arvores, levantada do chão. (6 a 9 m.) Para que não vergue, caíndo em bolso no centro, escora-a com um prumo. Consolidada a casa, o bando, que é uma familia, tem um abrigo, um tecto, uma cidade.

Talvez da casa lhe viesse o temperamento meigo, amoroso, e a ternura quasi humana com que pronuncia o grito, sobre todos suave, *ai!* As mães adoram os filhos, os fortes protegem os fracos, os são curam os enfermos. O chimpanzé foi o proto-consolador dos afflictos, e o primeiro medico. Quando as feridas de um combate ou de uma queda sangram, e o sangue corre por entre os labios de uma chaga aberta, o chimpanzé faz com folhas de musgos uma compressa que applica ao enfermo, apertando com as mãos a ferida, estancando a hemorragia, juntando os labios rasgados da chaga, atando, ligando, como um enfermeiro. O doente não urra, geme; e o medico, além da destreza, tem um carinho instinctivo e doce,—primeira expressão da caridade humana.

.....

OLIVEIRA MARTINS.

Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

X

Discutiui-se, na sessão de 6 de maio, o voto de graças, conforme os apontamentos apresentados por Antonio Carlos. A fala que o Imperador leu, abrindo a sessão solemne, forneceu exclusivamente materia do debate.

A Constituinte, pouco amestrada, não tinha ácerca deste assumpto o systema que, mais tarde, praticaram, seguindo usos e fórmulas inglezas — as Assembléas do segundo reinado, em pleno desenvolvimento do parlamentarismo.

Encetou o debate o deputado Andrade Lima. Breve e insignificantissimo foi o seu discurso. Limitou-se a

notar palavras ambiguas; são as seguintes: espera que a Assembléa faça uma Constituição *digna do Brazil e de Mim e que sendo assim a defenderá.*

Pensa o deputado que sua magestade pretende, por si só, julgar da bondade da Constituição; concluindo, propõe que se declare—que a Assembléa se persuade não poder deixar de fazer uma Constituição digna do Imperante e do Brazil, por assim confiar dos seus sentimentos nobres e patrioticos.

Antonio Carlos, que assumia a attitudede director e dominador da Camara, não duvida acceitar a proposta. Moniz Tavares dá-lhe apoio, observando—«apenas sua magestade acabou de repetir o seu energico e patriotico discurso, toda a Assembléa retiniu aos repetidos vivas de jubilo e de prazer pronunciados por todos nós de mistura com o immenso povo que nos rodeava; eu vi alegria estampada em todos os semblantès; todos universalmente satisfeitos. Não se diga que as palavras — *dignas de Mim e do Brazil* — merecem censuras; pelo contrario, julgo que fôram applicadas mui judiciosamente, etc.»

Ergue-se, da bancada de Minas Geraes, o padre Dias, espirito um tanto excentrico, e diz: «que o julgar a Constituição, que se fizer, digna do Brazil, só compete a nós, como representantes do povo. Demais, si nós confiamos tudo delle, porque não confia elle tambem tudo de nós? Tem um povo fiel, que o elege seu defensor, que o acclama, que o corôa, e hade desconfiar? Acabem por uma vez essas desconfianças e seja uma só a vóz da nação e do chefe do poder executivo, por mais arriscada que fôr a crise.»

Nesta discussão — *quasi nebulosa* — tomaram parte os deputados Andrade Lima, Andrada Machado, Moniz Tavares, padre Dias, Maia, Accioli, Ribeiro de Andrada, Rodrigues de Carvalho, Andrada e Silva (José Bonifacio), Carneiro da Cunha, Velloso d'Oliveira, cujo discurso não foi ouvido.

Os oradores concentram-se neste unico ponto—*digna do Brazil e de Mim* — palavras que o Imperador proferiu na sessão solemne de abertura no dia 3 de maio. Cada orador manifestou suas aptidões intellectuaes, que são mediocres, ou nullas em alguns; no entanto, releva discriminar o *joio do trigo*, segundo a phrase biblica. Fizemos, antes, na memoria alguns pontos que transluziram, porque são factos documentados pelos discursos: 1º — na instalação da Assembléa o Imperador foi entusiasticamente acclamado, alegria estampada em todos os semblantes; (1) 2º — que a Camara municipal da Côrte exigiu juramento prévio (3); 3º — que as outras o dispensaram (3);

4º — que se propuzesse que o Imperador indicasse as bases da Constituição (4); 5º — que havia desconfianças entre a Constituinte e o Imperador (5); 6º — tomaram-se prévias medidas duras para atallar innovações e suffocar os partidos (6); 7º — que o governo esforçou-se em prevenir desordens, que procedem de principios revoltosos (7).

De todos os discursos — o mais frivolo, — peza-nos dizer, foi o que balbuciou José Bonifacio, até na maneira de considerar o assumpto. E' um grosseiro tecido de logares communs, de que uzaria qualquer individuo sem criterio e que não pudesse elevar-se a concepções da politica, da vida, das aspirações sinceras, legitimas e ardentes da sociedade contemporanea. Parece destinado a homens de outra epocha e de outros sentimentos e não a um povo que, naquelle momento, lidava e sacrificava-se pela causa da Independencia, que amava; pela da liberdade, que queria possuir e manter; pela da ordem, que se esforçava em estabelecer firme para realisação da prosperidade publica. Ora, estes eram os sentimentos geraes. Sabiam todos que taes sentimentos não podiam coexistir com a demagogia e anarchia, que os excluem. Infelizmente, o orador manifestou ter minguada provisão de idéas. Não comprehendeu as circumstancias, em que se agitava a discussão, nem suas inconveniencias e perigos. E' para lamentar que não tivesse a sagacidade do estadista, que empolga as vontades, dominando-as e dando-lhes direcção, que convém aos altos interesses sociaes. José Bonifacio a ninguém persuadiu; pelo contrario, a todos irritou. Viram nelle o instrumento que praticava actos que geravam as desconfianças, que comprometteriam o Imperante e prejudicariam a Independencia, a liberdade e a ordem e fomentariam a demagogia e anarchia. Emfim de que se tratava? Das palavras — *dignas do Brazil e de Mim* — Que é que a Camara estranhava e censurava? Aquellas palavras que indicavam querer o Imperador, por si só, decidir do merito da Constituição. Era, pois, este o ponto cardeal da questão. Cumpria delucidá-lo, dissipar as prevenções, reconciliar os dissidentes: isso faria um estadista habil. José Bonifacio não o fez tratou de assumpto historico e estranho, do qual ninguem cogitava.

Leiam com reflexão o discurso que elle recitou. Eil-o na integra:

«Eu não tenho talento de orador; só no silencio de meu gabinete sei formar os meus discursos; mas vejo-me obrigado a falar agóra sobre esta materia. Não posso nem tenho expressões para exprimir a admiração que me cauzam as proposições que acabo de

ouvir neste augusto recinto. Como é possível que hajam homens que do mel puro do discurso de sua magestade imperial destilem veneno? Eu não acho nas expressões do Imperador sinão as nossas próprias expressões e a vontade geral do leal povo do Brazil. Que quer este povo? É para que tem trabalhado até agóra tanto o governo? Para centralizar a união e prevenir as desordens, que procedem de principios revoltosos. O povo do Brazil, sr. presidente, quer uma Constituição, mas não quer demagogia e anarchia, assim o tem declarado expressamente e é uma verdade, de que hoje não pôde duvidar-se. Declaro, porém, que não é tenção minha atacar algum dos srs. deputados, mas sómente opiniões; a guerra terrível que eu poderia fazer seria contra esses mentecaptos revolucionarios, que andam como em mercados publicos, apregoando liberdade, esse balsamo da vida de que elles só se servem para indispor os incautos; mas seria muito injusto o que fizesse esse conceito dos que neste recinto se reúnem. Estou certo que todos nós temos em vista um só objecto: uma Constituição digna do Brazil, digna do Imperador e digna de nós. (*Apoiados*).

Queremos uma Constituição que nos dê aquella liberdade, de que somos capazes; aquella liberdade que faz a felicidade do Estado e não a liberdade que dura momentos e que é sempre a causa e o fim de terríveis desordens. Que quadro nos apresenta a desgraçada America! Ha 14 que se dilaceraram os povos, que tendo saído dum governo monarchico, pretendem estabelecer uma licenciada liberdade, e depois de terem nadado em sangue não são mais que victimas da desordem, da pobreza e da miseria.

Que temos visto na Europa todas as vezes que homens allucinados por principios metaphysicos e sem conhecimento da natureza humana, quizeram crear poderes impossiveis de sustentar? Vimos os horrores da França; as suas Constituições apenas feitas logo destruidas e por fim um Bourbon, que os francezes tinham excluído do throno e até execrado, trazer-lhes a paz e a concordia! Na Hespanha, onde o povo se levantou, não para pedir Constituição, mas para se defender dos exercitos francezes, que pretendiam dominal-a, também os hypocritas e os libertinos se aproveitaram das circumstancias para formar uma Constituição, que ninguém lhes encomendára, emquanto o povo corria a atacar os invasores. E que succeden? Entrou Fernando VII, de repente; seguiram-se horrores; levantou-se o partido das baionetas, dizendo-se defensor da vontade do povo e desde essa epocha está nadando em sangue a infeliz Hespanha. Portugal, o desgraçado

Portugal, que tem ganhado? Pelas ultimas noticias o sabemos. Emfim, senhores, confiemos nos principios constitucionales do Imperador e procuremos com todas as forças fazer feliz a minha patria; oxalá que eu pudesse firmar sua permanente ventura! Mas protesto á face da Assembléa e á face do povo que não concorrerei para a formação duma Constituição demagogica, mas sim monarchica e que serei o primeiro a dar ao Imperador o que realmente lhe pertence. (*Apoiados*)

Após a leitura fadigosa dessa massagada de oratoria governamental, nos perguntamos uns aos outros: — qual é o idéal da politica deste homem que tomou a si a difficil missão de libertar um povo escravizado pelo regimen colonial, flagellado pelas crueldades do despotismo, dando-lhe a independencia nacional e chamando-o a partilhar dos beneficios da civilização contemporanea? Com as doutrinas do seu discurso, que cidadãos formará, que especie de governo exercerá?

Querera ainda fazer voltar o povo ao antigo estado de servilismo? Tentará acaso restaurar o antigo regimen, de que saíu? As maximas que preconiza, são evidentemente as do governo das devassas geraes, do alvará de 1818, da negação da liberdade de consciencia e da resignação á privação da liberdade individual. Entende que um povo que tem a coragem de lutar para ser livre, deve submeter-se á tutela dum patriarcha, tenha elle grandezas de genio, virtudes do patriotismo, supremacia da sciencia?

No primeiro quarto do seculo XIX, os povos que haviam procurado quebrar o jugo do despotismo, sentiam devoradora fome e sede de justiça; anhelavam aquinhoar dos beneficios da civilização e esses beneficios resumiam-se nos direitos constitucionales, isto é, governo limitado e responsavel, gozo e exercicio da liberdade civil e politica, das garantias da liberdade individual, de consciencia e de pensamento. Ao contrario, José Bonifacio, no seu discurso, falou, não como fundador da Independencia e da liberdade, porém como o guarda e mantenedor dos principios e das praticas do systema antigo, contra o qual o povo brasileiro se rebellára.

O patriarcha, que devia apostolar as doutrinas e as verdades do seculo novo, prefere reivindicar os uzos das maximas que todos temiam, detestavam e condemnavam.

Quanto á materia do debate que na qualidade de ministro deveria esclarecer, por singular infelicidade, deixou de parte e discursou vagamente. Não tocou, sequer de leve, no ponto que motivára desconfianças. Não dissuadiu os dissidentes. Não comprehendeu que o interesse do Imperante era dis-

sipar e não ver medrar taes desconfianças. Não teve o tino do estadista que imprime direcção nos espiritos; que concentra as vontades para um fim previsto e assentado. Não uzou da vulgarissima esperteza de dar ás palavras ambiguas uma explicação que serenasse os animos e os induzisse a reflectir nas inconveniencias, ou males de um conflicto entre a corôa e a representação nacional, logo desde o inicio do reinado. Não viu as consequencias que desse conflicto brotariam no porvir. Ministro, sem intuição, julgou ter bem se desempenhado da tarefa, prégando pavidamente contra os perigos da demagogia.

Mas de que se tratava e que se disputava?

— Que o Imperador, desprezando a Constituinte, ameaçava não acceitar a Constituição.

Estava, pois, francamente definido o ponto do debate. Pois bem: o ministro José Bonifacio transpõe os limites da questão, sae do terreno positivo, remonta-se á historia, divaga pelas revoluções francezas, exalta o infame e miseravel Fernando VII, da Hespanha, allude a Portugal, increpa a demagogia, verbera os *libertinos*, que em mercados publicos apregôam liberdade e conclúe que só votará uma Constituição monarchica. » E' o caso de repetir a sentença de Seneca—*nullum magnum ingenium sine dementia*.

A que vem tudo isso? O que convinha, ou urgia explicar era precisamente o sentido daquellas phrases do discurso imperial. José Bonifacio não soube fazel-o. Deixou, portanto, nos espiritos germinar, brotar, crescer as desconfianças. E dirão que este homem sabia defender a causa que, em sua sinceridade, anhellava sustentar e ver victoriosa! O seu modo de proceder é de rematada ineptia. Desde então, elle deixou a Constituinte sem pensamento dirigente. Cada deputado andou por onde quiz. Os mais atilados, como Carneiro de Campos, Pereira da Cunha, Baependy, S. Amaro, Carneiro da Cunha e outros, tributando-lhe maxima reverencia, enveredaram por outros caminhos sem seguir a sua orientação, que era nenhuma. O supposto estadista não foi o guia da Assembléa Constituinte; disso lhe vem grande responsabilidade e dezar; — responsabilidade, porque, por havel-a abandonado acephala, empecuou-a de attingir o seu fim, formando a Constituição, realizando sua missão patriótica, — dezar, porque se mostrou incapaz. Evidencion que o talento de classificar as dicotyledonias e monocotyledonias não é, muitas vezes, apto a coordenar e dirigir os phenomenos sociaes e politicos. Os primeiros dependem sómente da observação individual concentrada no objecto. Os se-

gundos phenomenos teem infindas relações de causas e effectos; exigem o exercicio de outras faculdades que não são a observação, que recolhe ou descreve; empregam os processos da synthese e confundem-se com aquillo que ha de mais vario, multiplo, inconstante, como são os instinctos, as paixões, a vontade e o intellecto humano. Phenomenos são estes que ainda mais se complicam no redomoinho da vida social, no embate dos interesses dos homens, ou nas luctas dos povos.

Podeis, sem duvida, ser um eximio e sabio naturalista, mas pessimo estadista, politico inepto, deploravel orador..

Attentae bem no discurso de José Bonifacio, que copiamos *ipsis verbis*, para exhibir aos leitores as peças demonstrativas dum corpo de delicto. Possam os que fôrem intelligentes ou dotados de bom senso, comparando a materia do debate com a resposta, verificar o dizer vulgar: «falar em alhos, responder bugalhos.»

Nenhum dos oradores alludiu á anarchia, preconizou a demagogia, enalteceu as revoluções, encomiou os libertinos que andam pelos mercados apregoando liberdade, e muito menos mencionára o nome desse abjecto rei de Hespanha, (Fernando VII) que, si não se vendeu, submetteu-se a Napoleão I. Elle não teve a astucia, cheia de dignidade e de patriotismo de d. João VI, que burlou os calculos do dominador da Europa subjugada e preferiu vir refugiar-se na colonia americana.

Pois bem: é sobre estes assumptos, estranhos ao debate que versa a resposta de José Bonifacio. No tocante á materia precisa, concreta, visivel e tangivel da discussão, não tugiou nem mugiu!!! Não comprehenderia elle o que se discutia?!

Negal-o seria parvoice; mas asseverar que esses certames não quadravam as suas aptidões, é uma affirmação incontestavel.

Imagine-se o desapontamento dos homens de talento da Constituinte, quando ouviram aquella arenga dum Dulcamara, formada no silencio do gabinete, a priori sem saber qual seria o objectivo da discussão.

José Bonifacio, como declarou elle proprio, não tinha nenhum talento de orador. Prevendo o debate, compoz uma resposta vaga, sobre generalidades, contra a liberdade, que elle queria a seu modo patriarchal; contra a demagogia, comprehendendo nella a idéa republicana, que elle detestava e jurava perseguir a ferro e fogo. O seu discurso, que acabamos de ler, é aquillo que vulgarmente se chama um nariz de cera, adaptavel a tudo.

Em verdade, por veneração ao eminente patriarcha, tomando ao serio o

seu discurso, que não foi improvisado, dóe-nos n'alma lel-o. Mil vezes o *Diario da Camara* não o tivesse conservado! Em suas paginas não ha um documento, não só de tanta inepecia, porque não sabe defender o governo, pelo contrario o compromette; mas tambem tão chato, tão tacanho, tão nullo, porque não tem sequer a correção da fórma, a invenção, ou propriedade das idéas, o sopro calido do sentimento, as apparencias da logica, os vestigios lucidos do criterio e o mais sedico e vulgar conhecimento dos factos da historia da epocha. Tudo que elle diz do rei Fernando, é uma falsificação dos acontecimentos. Fôra empreitada facil citar os escriptores, que se occuparam da constituição hespanhola e do rei Fernando VII, principiando por Armand Carrel, que tratou com Riego, com os constitucionaes, com *jozephinos e descamisados*, até Chateaubriand, que era embaixador de França em Hespanha, e quando ministro de estrangeiros do gabinete do conde de Villèle, impelliu o governo a intervir na Hespanha com um exercito de cem mil homens, commandado pelo principe duque de Angoulême, em 1823. (8)

Essa intervenção, que então era recentissima, não podia ser ignorada e foi muito discutida durante a Restauração dos Bourbonns, tambem fornecem azo ao nosso venerando patriarcha de desvirtuar completamente a historia, de pintar homens, qual o rei Fernando, a seu gosto, de inverter o sentido dos acontecimentos, sem que, com esse inutil trabalho, trouxesse uma solução ou esclarecesse o ponto que preoccupava a attenção da Assembléa Constituinte. O deputado Carneiro da Cunha refutou e pulverizou tal discurso, qualificando-o com esta ironica e desdenhosa apostrophe—*declamação!*

Parece incrivel que, no anno de 1823, na qual taes factos succediam; no qual a Constituinte funcionava, na Cadeia Velha, houvesse um espirito, não diremos illustrado, porém razoavel que se arriscasse a proferil-o com a circumstancia aggravante de o haver escripto meditada e pacientemente no silencio do gabinete.. para dissimular, alterar, desvirtuar ou ignorar a realidade dos acontecimentos recentes ou a exactidão da verdade historica.

Quem estuda a historia não deve perder os fios de relação e ligação dos factos, porque são elles *signaes*, segundo a theoria de Taine, o historiador, philosopho e critico.

E' portanto, devido a induções que se fórmam certas conjecturas; por exemplo: que a Constituinte era dum grande ignorancia tanto que José Bonifacio ouzou impingir-lhe aquelle discurso cheio de erros e dislates. Só

homens estranhos á vida social e intellectual poderiam engolir aquella *tisana* preparada pelas doutas mãos do ministro e mentor de d. Pedro I.

José Bonifacio discorreu sobre os acontecimentos da Hespanha, encareceu o procediumento do indigno Fernando VII, da regencia realista de Seu d'Urgel, composta do marquez de Mataflorida, do arcebispo de Tarragona e do barão d'Erolas, porque reputava os deputados da nossa Constituinte — *uns ignorantes*. Elle sabia tudo, porque lia os jornaes do partido *fanatico e ultra-realista* da Restauração, taes como a *Gazette de France, Quotidienne, Foudre, Journal des Débats, Drapeau Blanc*, etc., e vinha, naquelle mesquinho e ridiculo discurso, ser o echo longinquo dos absolutistas de França e de Hespanha e dos agentes da Santa Alliaça, formada pelos despotas coroados. Elle diz, por exemplo: *andam em mercados publicos apregoando liberdade; nem as phrases nem a idéa lhe pertencem; são do jornal Foudre*. As idéas destes orgãos do absolutismo fôram incluídas no deploravel discurso do patriarcha da Independencia. Estes jornaes, segundo affirma um historiador (9) *adressaient aux souverains legitimes, arbitres d'Europe, les invocations les plus pathétiques, les suppliaient de sauver la civilisation par un acte vigoureux, d'étonner pour toujours les marchands de liberté, les demagogues, de faire taire les sophistes, de terrasser le génie du mal, de purifier l'atmosphère politique*. O jornal *La Foudre* (continúa o mesmo historiador) *était encore plus explicite et elle confondait dans les mêmes invectives la perfide Anglaterrre, scandaleusement nuie aux revolutionnaires et cette fraction mixte, qui ambitionnait de faire prevaloir le système constitutionnel*, etc., etc.

Observa o historiador que a Inglaterra era assim maltratada, porque, paiz livre e parlamentar, não podia accordar-se com os sequazes da Santa Alliança, os ultra realistas de França ou de Fernando VII. Mas José Bonifacio tornou-se, na Constituinte brazileira, o sectario e pregoeiro das idéas dessa gente. Elle falsifica acontecimentos, inventa ou nega os actos, *verbi gratia*, diz que ninguem na Hespanha encommendára Constituição; ora, é certo que Fernando VII não só a encommendára, como auctorizou os constitucionaes a fazel-a; a tal proposito, escreve o historiador citado: *la Constitntion des Cortes était mauvaise... les Cortes, d'ailleurs, n'étaient une assemblée d'origine revolutionnaire. Un decret de Ferdinand, du 8 mai 1808, les avaient convoquées; l'Europe les avait reconnues* etc. Julguem do criterio, do liberalismo e da capacidade do orador e estadista e da lealdade e sinceridade,

com que este patriota fala á Camara e ao povo...

Não sabemos si José Bonifacio é tambem glorificado como orador. Os contemporaneos, que o ouviram, de certo, constrictavam-se (como affiançaram-me alguns dos seus admiradores) lamentando que lhe faltasse esse talento, que engrandece o politico e estadista. Mas, si a cegueira dos idolatras foi incuravel, o bom senso das gerações novas as desviará de compartilhar dos erros, ou, antes, das tolices dos admiradores imbecis. Quem pronuncia discurso daquelle jaez, não será suspeitado de possuir dotes de orador, mas...

Dirão que analyzo minuciosa e repetidamente essa grande individualidade da historia de epocha gloriosa do Brazil.

Porque não? Si, em minha juventude, fui educado no culto de idolatria por seu nome... Si, ao sair dos cursos academicos, ouvi um varão, illustrado jurisconsulto e parlamentar, dizer-me — meu moço, escute o que lhe estou dizendo a respeito do genio de José Bonifacio; estude-o bem e verá que, só de seculo em seculo, apparece uma intelligencia privilegiada, como aquella. (10)

Depois de ter falado o ministro e de lhe haver victoriosamente respondido Carneiro da Cunha, deputado paralytico, a Camara mostrou-se apressada em encerrar a discussão e votou, approvando unanimemente, o voto de graças, que, por uma numerosa deputação, tendo como orador o illustre Antonio Carlos, foi levado á augusta presença imperial.

Recebida a deputação, o orador leu longo discurso, ataviado, aqui e acolá, com scintillantes rasgos de eloquencia, de metaphoras, hyperboles e gongorisismos, como era de sua indole e talento.

No tocante ao ponto que suscitou tanta estranheza e debate por causa das palavras ambigüas, o orador, em nome da Assembléa, assegurou que todos os deputados estavam no proposito de fazer uma Constituição que correspondesse aos desejos de s. magestade, que era essa a vontade da nação, a qual tinha em s. magestade a mais viva esperança e profunda confiança, por haver já recebido repetidas provas da constitucionalidade, do desvello, da dedicação, com que s. magestade se esforçava por servir o paiz e promover a prosperidade, a grandeza da patria brasileira. D. Pedro, incisiva e acentuadamente disse: «Agradeço os votos manifestados e egualmente agradeço sobremaneira á Assembléa a deliberação, em que está, de fazer uma Constituição, digna de Mim, digna de si, digna da nação brasileira, que tão credora é de receber em premio de seu brio, valor e generosidade, uma Constituição que lhe assegure aquella

justa liberdade, que é a unica que lhe póde acarretar louvores, conciliar amigos e cobril-a de felicidades.»

Parecia que estavam adelgaçadas, e quasi dissipadas, as densas nuvens de borrasca, que se enfileiravam no sombrio e minaz horizonte.

A resposta do Imperador mostra que entre elle e a Camara havia reciproca desconfiança. Essa desconfiança vivamente começava a penetrar nas camadas populares, principalmente por causa das devassas geraes, perseguições á imprensa e muitos actos violentos do tenaz arbitrio do governo patriarchal. A nação desconfiava, e o Imperador não podia tolerar que a Constituinte concorresse para arruinar-lhe, na alma popular, o prestigio de que gozava.

Inexperiente, a Assembléa continuará a cair de erro em erro até o momento em que a sua dissolução pareça uma providencia reclamada pela ordem publica. No estudo dos actos, das discussões, da marcha lenta, confusa e improficua dos trabalhos legislativos colheremos os signaes presagos do desenlace do drama.

Um dos erros que gravemente comprometteram a Constituinte, foi a desidia, com que houve em formular e discutir o projecto da lei fundamental, que a população anciosamente desejava. Os mezes fôram correndo, gastos em disputas banaes; os grandes e vitaes interesses nacionaes postos de lado, ou não comprehendidos.

Agóra que a Constituinte se vê desembaraçada do voto de graças, passa a tratar dos projectos—de perdão, de amnistia, da indicação do padre Alencar sobre a prisão do coronel Costa Barros, de Pereira da Cunha mandando vigorar, no novo Imperio, a legislação portugueza, como veremos no seguinte estudo.

EUNAPIO DEIRÓ.

- (1) Discurso de Moniz Tavares.
- (2) Idem de Maia.
- (3) Idem de Antonio Carlos.
- (4) Idem de Maia.
- (5) Idem do padre Dias.
- (6) Idem de Rodrigues de Carvalho.
- (7) Idem de José Bonifacio. Todos esses discursos estão, da pag. 23 a 26 do vol. 1º, no *Diario da Camara*.
- (8) Duvergier de Hauranne consagra-lhe um livro na *Hist. du Gouvern. Parl.* É coisa muito conhecida a parte que a Santa Alliança tomou nos negocios de Fernando VII. — Os protestos eloquentes do ministro inglez Canning—As repulsas de lord Wellington—Chateaubriand gabava-se: Ma guerre d'Espagne etait une gigantesque entreprise — imitava lord Chatham. O mesmo Chateaubriand escreveu um livro — *Congrès de Verone*. Todos os historiadores da Restauração tratam dos negocios de Hespanha e de Fernando VII. Quem ler e comparar com o que disse José Bonifacio ficará pasmado, não sabendo si da má fé ou da ignorancia.
- (9) Duvergier de Hauranne — *Hist. du Gow. Parl.* Vide — *La Politique de La Restauration*, par le conte Marcellus.
- (10) Palavras do fallecido conselheiro Antonio Pereira Rebouças.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O helicoptero Santos Dumont. — Concurso de aviação. — O mais pezado do que o ar. — Cincoenta mil francos.

O nosso illustre patricio Santos Dumont, depois de ter resolvido o problema da navegação aérea pelo mais leve que o ar, está concluindo, nos ultimos detalhes, o apparelho para concorrer ao premio Deutsch-Archdeacon, instituido em favor da navegação pelo mais pezado do que o ar.

Essa machina volante é um helicoptero, apparelho que se eleva, se sustenta e se dirige no ar unicamente pelo esforço de propulsão de helices verticaes e horizontaes. Para realizar praticamente taes movimentos, é indispensavel o minimo de pezo e o maximo de força, empregando na construção do apparelho o bambú, a sêda, cordas de piano, como nos balões dirigiveis do mesmo inventor, que chegou aos resultados quasi incriveis de construir helices de sustentação de seis metros de diametro, pezando apenas nove kilos.

Os helices de sêda e bambú experimentados, em ponto fixo, com uma rapidez de 90 a 100 voltas com um motor de 9 cavallos, produziram uma potencia de tracção de 180 kilos. Donde concluiu Santos Dumont que com um motor de 18 cavallos esses helices poderão suspender 180 kilos. O apparelho pezará, apenas, 160 kilos e será munido de um motor para fornecer de 24 a 28 cavallos.

O helicoptero é formado por um quadro de bambús rectangular, sustentado nas duas extremidades os eixos verticaes; outro eixo central se prolonga na parte inferior e serve de suporte á platafórma do motor. Nas duas extremidades horizontaes do quadro estão installadas—avante o helice propulsor; á ré, o leme, tendo ao todo 12 metros e meio de comprimento e 6 de altura. O motor imprime movimento a uma vertical, no centro, terminando em duas pequenas pulias que transmittem, por meio de correias, o movimento a duas rodas do bicyclette de 1,20 de diametro dispostas horizontalmente sobre as arvores dos helices. Uma das correias é directa, a outra cruzada, de maneira que os helices gyram em sentido contrario. Um pinhão angular, independente, permite accionar á vontade a arvore horizontal do propulsor. Um systema de ensarcias de cordas de piano impede que o apparelho se deforme, mantendo-o em perfeita rigidez. Para impedir a deformação dos helices de sustentação, elles, em vez de receberem o impulso pelos eixos, recebem-no pelas pontas das azas, dando-lhes um vertiginoso movimento de rapidez. O leme é mo-

vel em torno de um eixo horizontal.

O sr. Santos Dumont empregou um motor Levasseur de 8 cylindros.

O aparelho completo peza 160 kilos, sendo 105 o pezo do helicoptero e 55 o do aëronauta munido de alguns instrumentos indispensaveis.

A quèda produzida por uma parada repentina do motor foi engenhosamente evitada, porque a ella não corresponde a parada do movimento, de maneira que a descida se opera lentamente como si os helices fôsem pára-quèdas.

Osr. Santos Dumont confia absolutamente no exito do seu aparelho que, a esta hora, deve estar experimentado e prompto para o concurso ao prêmio de 50.000 francos.

* * *

Canhões de fio de aço. — Revolução na artilharia. — Grossas peças que podem atirar a 50 kilometros. —

Nas officinas norte-americanas da Scott Iron Company, está terminada a construcção do novo canhão de arame de aço, inventado por Hamilton Brown, o qual assignalará uma completa revolução nos canhões navaes e nas pezadas peças de sitio.

Trata-se de um canhão de 162 centímetros, capaz de lançar um projectil pezado á distancia de 50 kilometros. O obuz, no fim desse precurso, terá força bastante para atravessar uma couraça de aço de 15 centímetros de espessura.

Esses resultados serão obtidos pela formidavel pressão a que o canhão pôde resistir, permittindo empregar cargas de potencia até hoje, desconhecida, imprimindo ao projectil uma rapidez inicial de 1.250 metros por segundo, quando, com os mais fortes canhões actuaes, essa rapidez não excede, em geral, de 650 a 700 metros.

A nova peça é formada de uma série de placas de aço de 4 milímetros de espessura, cintadas e apostas umas ao lado das outras, como outros tantos segmentos que se ligam. Em redor dessas placas, se enrola por meio de machinas especiaes, uma longa e forte ligadura de arame de aço. No interior se introduz, á força, um tubo de aço, que constitúe a alma do canhão; no exterior elle é protegido por um revestimento de aço forjado.

Cerca de 35 kilometros de arame de aço entram na construcção desse canhão, que peza 12.000 kilogrammas e mede 8,50 de comprimento. Calcula-se que a sua resistencia é duas vezes e meia maior que a dos canhões mais aperfeiçoados.

Si as experiencias desse novo instrumento de destruição fôrem satisfactorias, o governo norte-americano mandará construir onze eguaes para a defeza das costas.

O coronel W Engalls, considerado, na America, auctoridade indiscutivel em materia de artilharia e de balistica, formulou opinião favoravel ao novo canhão Hamilton-Brown; affirmou que um canhão desse systema de 250 milímetros de diametro pôde lançar um projectil a 90 kilometros de distancia, e, de deducção em deducção, chega a concluir que um canhão de arame de aço, de 400 milímetros, terá um alcance de 140 kilometros, podendo, assim, os artilheiros de Calais, de Boulogne, bombardear Londres.



O ALMIRANTE (67)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXIII

Os amigos se entreolhavam silenciosos como si não ouzassem falar da gravidade do accidente que punha em imminente perigo a vida de Oscar, havia dois dias. Temiam todos um desenlace subito, menos a marqueza, sempre tranquilla, absolutamente confiante na proxima restauração da saúde do ente querido. Esse derradeiro golpe seria numa crueldade injusta e absurda desse Deus, cuja misericordia o padre Paulo, chegado na vespera do interior, invocava para consolal-a, para dar-lhe resignação.

O medico insinuára, com muitas periphrases cautelosas, que a situação do doente era quasi desesperada, si bem que não tivesse a sciencia exgottado todos os seus recursos. Hortencia fôra a primeira a saber da triste verdade que ella já havia presentido acompanhando dia e noite, com dedicação heroica, todas as phases da doença. E o padre fôra incumbido de preparar a marqueza para o terrivel choque. Elle estivera a sós com Oscar, reconhecera admirado a lucidez daquelle espirito de primor, triumphante do soffrimento; empregára toda a unção das suas palavras de consolação, de esperança, preparando-o para deixar a vida como bom christão, exhortações acceltas sem resistencia, sem o menor vestigio de pavor do trespasse imminente.

— Devemos confiar em Deus—dizia o padre Paulo á marqueza — Acabo de estar com o nosso doente; acho-o muito abatido. um tanto..

— Oscar não morrerá — interrompeu ella, com firmeza.

— Não digo menos. O caso não é desesperado, mas devemos considerar que é grave, gravissimo, e por isso nos devemos apparellhar para a peor hypothese. Estando ha pouco com o almirante, occorreu-me consultal-o sobre o destino dos seus bens, uma vez que elle não tem herdeiros necessarios, e

convencel-o de se prevenir com um testamento, alvitre a que elle accedeu promptamente. Além disso, peusei que..

O padre hesitou e, depois de breve pausa, continuou:

— Vossa excellencia sabe que providenciado ácerca dos haveres do almirante, veio-me á mente o seu meio soldo, o seu montepio, que poderiam garantir o futuro de uma moça..

A marqueza ouvia, immovel, de olhos fitos no tapete, as palavras brandas, insinuantes do padre Paulo.

— Pensei, então, — proseguiu este — em cazal-o.

— Cazal-o? — exclamou a marqueza, estremecendo de surpresa e encarando no sacerdote.

— Sim, cazal-o *in extremis*, com uma dessas moças da amizade de vossa excellencia. Diz-me o coração que esse sacramento seria muito do agrado de Deus.

— Cazal-o? — repetiu a marqueza, dominada pela insistencia do padre.

— Isso depende do consentimento da senhora marqueza. Si, por desgraça, elle fallecer..

— E si viver, si ficar bom como espero? — objectou a marqueza.

— Acceitará o facto consumado e será feliz. De resto, devo declarar, com lealdade, que já o consultei.

— E elle? ..

— Elle está por tudo com a condição de estar de accordo com vossa excellencia.

— Mas isso seria um sacrilegio.

— Um sacrilegio? o sacramento celebrado com perfeita integridade mental dos nubentes? Nunca. Será uma boa acção, um beneficio.

A resposta do padre encontrava echo no attribulado espirito da marqueza, por isso mesmo que parecia absurda, extravagante; vinha ao encontro da preocupação persistente de dar uma companheira a Oscar e o momento era azado para vencer a sua tenaz reluctancia.

— Tenho absoluta fé na restauração da saúde de Oscar; entretanto, não me opponho... Oh! eu nada posso de liberar. Façam como entenderem melhor... Ah! Vens a proposito, Gini-nha — accrescentou ella, chamando com um gesto d. Eugenia, que apparecera hesitante — O padre Paulo propoz-me cazar Oscar.

— Cazar Oscar? Com quem? — disse d. Eugenia, cortada de surpresa.

— Com uma de tuas filhas — concluiu a marqueza, resolutamente.

— E' verdade que Amelia — murmurou d. Eugenia, enleada — gosta delle: elles se gostam desde mocinhos; mas não sei si...

— Eu me encarregarei de tudo — declarou o padre.

E tornou a falar na pena de se per-

derem o meio soldo, o montepio, na lastima de morrer solteiro, num celibato talvez peccamioso, uma creatura tão bôa, tão digna. D. Eugenia ouvia acanhada, hesitante, si bem que seduzida pelo projecto assegurado do futuro de uma das meninas.

Para vencer uns resquícios de melindres recalcitrantes, o padre Paulo foi chamar o conselheiro, o doutor Souza e Lima e, nessa especie de conselho de familia, o caso ficou definitivamente resolvido. Amelia seria a esposa e a herdeira de Oscar.

O padre Paulo, incumbido da consulta, hesitou, recolheu-se em funda meditação, como si concertasse um plano para se assegurar da sua caridosa manobra.

—Penso que será muito difficil vencer-a — disse-lhe d. Eugenia — Amelia é teimosa, implacavel nas suas resoluções. Faça o possivel, padre, empregue todo o seu prestigio para realizar esse proposito inspirado por Deus a vossa reverendissima.

—E' difficil, é—respondeu o padre, lentamente, continuando a scismar— Eu lhe falarei, em nome de Deus, ao coração e á cabeça. Si ella ama Oscar...

—Ama—replicou vivamente d. Eugenia — ama-o como sabem amar as mulheres daquela tempera, mas em silencio, occultando, numa castidade intransigente, transformada em orgulho, a sua paixão. Não vê que se mantém afastada no palacio, conservando no rosto aquella mascara de calma... Ah, não conhece o character rigido de Amelia; não sabe do que é capaz...

—Farei o possivel. As mulheres apaixonadas não resistem muito tempo ao que couvem ás suas aspirações. Não percamos tempo.

O padre encaminhou-se com certo ar solemne para o palacio. Da aléa de bambús elle divizou o rosto pallido de Amelia, os seus olhos anciosos fitando com insistencia as janellas da bibliotheca, onde jazia Oscar; mas sentindo o padre approximar-se, restaurou subitamente a compostura, a attitude fria, solemne, de que falára d. Eugenia.

—Como váe Oscar?—inquiriu ella, com ligeiro tremor na voz, quando se viu junto do padre.

—Mal—respondeu este—Acabo de estar com elle; fez-me depositario das suas ultimas disposições e é por isso que estou aqui, cumprindo um dever do meu sacerdocio.

—Do seu sacerdocio?—tornou Amelia, surprehendida — Não comprehendendo...

—A senhora ama Oscar...

—Eu?!...

—Não é agradável a Deus, suffocar a verdade, o que se passa num coração puro como o seu. Não tente negar o que todo o mundo percebe

atravéz do seu pudor excessivo. Esse amor é uma luz abençoada irradiando nos seus olhos, no seu semblante, superior a todos os obstaculos, a todos os sacrificios. E' impossivel escondel-o.

— Pois bem — exclamou Amelia, enrubescendo, subitamente, os olhos, incendidos de magnetico fulgor — Pois bem: amo-o, amo-o. Mas para que arrancar-me essa revelação do amor si Oscar está perdido, está moribundo...

E a torrente de lagrimas lhe abroilhava violenta nos olhos macerados.

— Ainda bem — volven o padre, meigamente — Estas lagrimas são um excellente indicio, minha filha. Desafogue o seu coração. Isto lhe fará bem ao corpo e ao espirito.

— Um amor infeliz. — murmurou Amelia, suffocada pelos soluços.

— Tenha fé em Deus, que pôde fazer o milagre de salvar o seu noivo. A sua misericordia é inexgotavel e não abandona os que soffrem pelo amor. Eu lhe venho pedir, em nome de Oscar, consinta em que esse amor seja abençoado por Deus.

— Em nome de Oscar? — exclamou ella, recuando.

— Sim, em nome d'elle. Elle lhe deseja por esposa.

— Esposa!

— E eu abençoarei, em nome de Deus Nosso Senhor, essa união.

— Impossivel — exclamou Amelia, recobrando a rigidez euergica e estancando as lagrimas com o lenço — Impossivel, padre Paulo. Eu não serei jámais esposa de um moribundo. Isto seria um sacrilegio, seria um negocio. em que eu figuraria como um instrumeato de ambição, de ganancia.. Nunca, nunca.

A voz da moça vibrava com o accento indignado de uma resolução inabalavel.

— Si é indispensavel que isso se faça — continuou cada vez mais altiva, mais vehemente, — cazem-no com a Laura, que é uma creança innocente; cazem-no com a Hortencia, que é bella, moça, que é ambiciosa...

— Por Deus, minha filha — retrucou o padre, carinhosamente — Não se trata de cazal-o, a todo o transe, com qualquer pessoa, mas com a eleita do coração de Oscar.

— Eleita do seu coração, eleita á ultima hora, no momento extremo, quando todas as suas caricias, todas as suas attenções fôram sempre para Hortencia, quando o seu amor fôra para Dolores...

— Calme-se, minha filha. Não ha calculo, não ha interesse no que lhe venho propor. Trata-se de abençoar esse amor que poderia ter interrupções, desvios, mas resurge em toda a pureza na hora extrema. Vamos; con-

sinta; ajude-o, ao menos, a morrer em paz com a consciencia.

— A minha resolução é inabalavel. Não insista, que me atormenta inutilmente. Eu não me submeterei jámais a essa união á beira de uma sepultura...

— E si elle ficar bom; si voltar á saúde.

— Eu serei ridicula aos olhos d'elle. Considerar-me-á uma mulher vulgar que se prevaleceu da sinistra circumstancia para satisfazer a sua ambição. Oh, é horrivel.. Nunca, nunca...

E, partindo subitamente da sala, deixou o padre immovel, desconcertado pela recusa formal, inabalavel. D. Eugenia tinha razão: era indomavel aquelle orgulho.

(Continúa).

ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA DAS COSTAS

As uossas antigas fortalezas e fortes, restos da defeza da epocha colonial, em grande parte abandonados, e os que não estão, armados com uma artilharia mathusaleuica, não offerecem obstaculo serio ao inimigo, e, por consequente, o apoio delles esperado na repulsa nos ataques dirigidos contra as costas, será inteiramente illusorio, não correspondendo de modo algum ás despezas feitas durante a paz com a sua conservação, nem sacrificio pessoal das suas guarnições na occasião da guerra.

Realmente — a não ser aqui, na Capital, e em S. Paulo, muito escassamente e sem obediencia a um plano amadurecido, que se pôde considerar como defeza fixa ao longo de toda a costa? Serão esses paredões, plantados á entrada dos portos, alguns de alvenaria de tijolo, guarnecidos com canhões de alma lisa e raiada de antecarga, mal se prestando ás salvas festivas — os elementos de protecção dos nossos fortes commerciaes, dos centros militares contra a investida do inimigo, embóra sem grandes apparelhamentos de ataque?!

A reconstituição do nosso material naval, em bôa hora deliberada pelos poderes publicos, certamente proporcionará, após a sua realização, um grupamento de unidades de combate de accentuado valor para attender grande parte das exigencias da defeza nacional, pelo lado do mar; mas, cumpre attender que semelhante reforma não basta para a completa solução do problema, visto como muitos casos se apresentam em que a intervenção isolada do elemento movel maritimo não satisfaz.

A deficiencia e atrazo dos meios empregados pela fortificação costeira

não são peculiares ao nosso paiz ; em todas as partes do mundo, esse ramo da defeza tem sido, até certo ponto, descuidado, e, só agóra, sob a pressão das novas necessidades, se começa a dar a devida attenção e a conhecer a sua verdadeira importancia.

Muitas circumstancias accumulam-se para a explicação desse estado de coisas. Entre outras, pezam, de modo sensível, as elevadas sommas em dinheiro requeridas para o perfeito artilhamento da costa, mas convém lembrar, egualmente, que a mais preponderante é, talvez, a que resulta da variedade e incerteza das opiniões em tudo que a elle se relaciona. Si accordo perfeito existisse, todas as nações, ricas e pobres, não se abalauçando á immediata execução de um plano radical de semelhante defeza, procederiam por partes, e, com tempo mais ou menos longo, chegariam á conclusão, como aliás se procede nos demais casos em que as despesas avultam de modo a excederem de muito os recursos ordinarios.

O material naval, tambem se presente desse desencontro de opiniões, concorrendo por seu turno para manter a indecisão dos meios a oppor-lhe, dadas as intimas relações que o ligam ás questões do problema costeiro.

As controversias ali são tantas, tão disparatadas as idéas sobre o assumpto que, nos nossos dias, qualquer potencia, principalmente as de fracos recursos pecuniarios, na refórma ou augmento do seu poder naval, se sente extremamente embaraçada na escolha de tal ou qual escola, de tal ou qual typo de navio.

Aggravam sobremodo essa situação de duvidas, os incessantes progressos da industria contemporanea, em vertiginosa avancada, ás vezes por estradas mal assentadas, apregoando todos os dias, num afan propagandista desmedido, um melhoramento real ou imaginario, abalando o espirito dos profissionaes, modificando opiniões sancionadas pela experiencia, provocando, emfim, alterações muitas vezes sem fundamento explicavel.

De modo que—um navio de guerra, a meio da sua construcção, delineada poucos mezes antes, á custa de muito estudo e abraçando todos os melhoramentos do dia, já nessa epocha está considerado inferior a outro, idéalizado por um industrial ou ainda por um profissionaal que lhe deu mais um metro de comprimento; que lhe augmentou umas tantas toneladas; que dispoz a sua artilharia de certo modo ; que, finalmente, introduziu senões denunciadores de vantagens seguras ou ficticias.

E como os navios de guerra de dado programma não se constróem de uma assentada, resulta a heceterogeneidade inevitavel e conhecida dos di-

versos elementos componentes das esquadras modernas—esse agglomerado de unidades diferentes em suas condições essenciaes, em que commummente as menos aperfeiçoadas, mais antiquadas, prejudicam a acção das mais velozes, mais manobreiras, de armamento mais effcaz, pelas necessidades, de ordem tactica ou estrategica, de se escravizarem ás propriedades inferiores das demais, destruindo por essa fórma um dos principaes factores da victória na guerra moderna — a unidade.

Facto identico apreciamos agóra com o programma naval, patrocinado, com ardor, pelo actual gestor dos negocios da marinha.

Os contendores, pró e contra, degladiam-se com as armas extremadas das suas escolas, e nos arroubos das concepções, nos exaggeros das suas argumentações, deixam no espirito dos leigos a convicção da anarchia que reina nesse mistér, denunciando com a apparencia de uma verdade inconcussa — a pretendida cegueira ou ignorancia dos que apregoam a doutrina opposta.

A grande esquadra, exclamam uns — a esquadra de formidaveis mastodontes de aço lançando, a um só vomito de seus poderosos canhões, a destruição total do inimigo ou apenas afugentando-o espavorido, desbaratado, ante a sua phantastica apparição — só ella trará a nossa tranquillidade. A esquadra *mignon*, enxame de barquinhos, velozes, inviziveis, açoitados nos inumeros recantos da costa, irrompendo subitamente sobre o inimigo desprevenido, anniquillando-o e vencendo-o pela confusão—concebem outros o melhor aparelhamento da defeza movel do littoral. E, finalmente, outros ainda, mais modestos, menos impetuosos, mais precavidos, simplificam extraordinariamente os encargos da marinha, reduzindo-a a guarda de baterias de costa e terminando por proclamar preferivel, na actualidade, cuidarem os marinheiros de se apropriarem das fortificações costeiras a se entreterem com espalhafatosas encomendas de navios, por desnecessarios, por contrarias ás uossas necessidades.

No labyrintho inextrincavel dessas opiniões antagonicas, extremadas e irracionaes, difficil se torna a acção dos responsaveis directos pela defeza do paiz, si subordinarem as suas cogitações e deliberações á bella e fertil argumentação dos polemistas em campo.

Convém, entretanto, arcarmos contra a série de motivos formulados por todos quanto apaixonadamente repugnam as sãs refórmas e que, sob a euganadora apparencia da defeza dos seus idéaes, mal escondem o proposito systematico de estorvar os passos dos

que se empenham com justo ardor no melhoramento das nossas instituições armadas.

Estudando o que existe estabelecido nos paizes mais adeantados ; apreciando com calma e criterio as questões navaes ; pezando os dados colhidos nas guerras modernas, despidos do seu aspecto phantastico ; deduzindo, emfim, os bons principios reguladores da defeza costeira, teremos os elementos iudispensaveis e bastantes para enfrentar, sem vacillações, a realisação immediata do problema da protecção das nossas fronteiras maritimas.

TENENTE MAX.

D'AQUI E D'ALLI

Do Ceará, recebemos o seguinte telegramma :

« FORTALEZA, 28. — Durante a noite passada foi arrombado o predio em que funcionava o *Unitario*.

Os moveis fôram destruidos, os typos empastelados. O prélo ficou completamente inutilizado.

O *Unitario*, apreciando a catastrophe do *Aquidaban*, publicou artigos que desagradaram aos officiaes de marinha aqui estacionados.

E' opinião geral que o governador Accioly, aproveitando esse incidente, mandou praticar esse acto de tamanha selvageria por soldados de policia.

O empastelamento deu-se na rua Formosa, bem no centro da capital. »

Este é o facto consumado. Delle não ha para que nem para quem appellar. A justiça do Ceará está na mão do seu régulo, inteiramente abastardada, sem vontade, sem opinião, sem querer, sem poder. A justiça, lá, é uma simples figura, um insignificativo typo da administração publica. Os magistrados são magistrados, isto é, estão no seu officio de julgar, tão simploriamente como um porteiro de secretaria abre as portas da repartição e deixa, de pé, em continencia, que o resto entre e vá tomar os seus logares.

E' ainda preciso disfarçar, é preciso ainda salvar as apparencias, mostrar que todos os órgãos funcçionam... Por isso, e assim, o Ceará tem justiça, tem juizes, umas creaturas que ganham como burocratas, umas creaturas que servem como servis. Tambem por tolerancia, por transigencia, por commodidade.. Nesse conceito de honra professional, é lamentavelmente tudo, desde o mais humilde até á quasi totalidade dos velhos dezembargadores, tristes, molles, encanecidos mais de abatimento que de idade.

Dessa justiça seria possivel recorrer. O Supremo Tribunal Federal, na melhor hypothese, repararia o damno. Mas, com certeza, o seu *accordam* não seria executado. No Ceará, como em outros Estados, onde a civilisação

ainda não chegou, não faltam exemplos dessa pratica.

A justiça federal, de resto, não tem, naquella escura paragem, nem força moral nem material. Nem moral porque o juiz é o juiz Studart: esse juiz não faria nada contra o amo governador. Nem material porque o governo da União não tem lá um soldado. Todo o serviço federal é feito pela policia do régulo Accioly. De modo que, si o Tribunal requisitar força para uma diligencia urgente, não será attendido. E si ella fôr de outro logar, é possível que a policia do Ceará a receba a fogo... na praia do Ceará.

Esta é a situação de facto.

O Presidente devia, ao menos, intervir particularmente, já que não pôde fazer pelo Ceará o que mandou fazer por Santa-Catharina.

*

Contra o nosso telegramma, aqui está o do *Jornal do Commercio*, publicado a 29:

«A' meia noite de hoje, foi empastellado o jornal *Unitario*, que hontem reproduzira graves accusações á marinha a proposito da recente catastrophe do couraçado «Aquidaban», atacando individualmente o almirante Julio de Noronha e os officiaes da armada presentes.

O *Jornal do Ceará*, tambem opposicionista e visinho do *Unitario*, nada soffreu.

O presidente do Estado ordenou rigoroso inquerito.»

Bastaria accresceutar a isto que o correspondente do *Jornal* é politico partidario do régulo. Por isso mesmo é que o telegramma foi expedido de modo a ensinar que o empastellamento foi obra dos officiaes da armada que lá estão.

Esse despacho é, pois, um corpo de delicto. Ha nelle, sem duvida, uma injuria tremenda irrogada aos officiaes de marinha que estacionam na Fortaleza — injuria muito maior, incomparavelmente maior, que a que o sr. João Brigido, segundo os telegrammas suspeitos, lançou á armada nacional e ao seu venerando chefe.

Esta redacção conhece pessoalmente o tenente Alvaro Rodrigues de Vasconcellos e o commandante Serejo. Não podemos comprehender, siquer, que elles, homens civilizados e calmos, sejam capazes dessa selvageria. O primeiro é um marinheiro brilhantissimo, de uma cultura notavel, de superior educação, alheio, por indole, a taes escandalos, a taes truculencias. Além disso, o tenente Vasconcellos está cazado, ainda não ha um mez, no Ceará, e ninguem concebe que elle mesmo tenha, assim, toldado a sua lua de mel.

O segundo chega a ser um militar ideal, inoffensivo, como queriamos os pacifistas. Depois, o telegramma diz que o «*Jornal do Ceará*», tambem opposicionista e visinho do «*Unitario*», nada soffreu.

Quem não vê em tudo isso a injuria

aos officiaes de mar e o geito de desviar do partido do régulo a auctoridade da abominavel infamia?!

Em vespersas da eleição, não é nada máu afastar da imprensa um adversario como o sr. João Brigido!

**

O que gastou O ministerio da Guerra do o Japão Japão gastou, desde que rebenhou a guerra com a Russia até setembro de 1905, 1.485.000.000\$; e o da Marinha, no mesmo espaço de tempo... 270.000.000\$. Total: 1.755.000.000\$.

**

O *Jornal do Commercio* publicou na sua edição de 29 do mez passado, este telegramma:

«PARIS, 28.—Varios jornaes teem, ultimamente, manifestado a opinião de que o commercio e a industria allemães estão ameaçados de soffrer as consequencias da grave falta que o commandante e tripulação da canhoneira allemã *Panther* commetteram em Itajahy, no Brazil.

«Esse acto de violação de neutralidade, tão brutal quanto inesperado, acordou na grande republica Sul-Americana o sentimento do perigo allemão.»

A este proposito, os jornaes francezes reproduzem da *Gazeta de Frankfort* a noticia do Brazil haver recusado encomendar a estaleiros allemães uma parte das construcções navaes que por sua conta se vão fazer na Europa.

Assim, a primeira consequencia que o incidente teve, explica a solicitude com que o imperador Guilherme, indo além do que lhe pedira a chancellaria brazileira, dispensou do commando da *Panther* o conde Saurma Jeltsch.»

A chancellaria allemã prometteunos, ainda como satisfação, submeter a conselho os responsaveis pelo attentado de Itajahy. Depois, si houvesse culpados, punil-os-ia.

Pelo que vemos, sua magestade o kaiser não esperou pelo conselho e fez a exemplar justiça—que, demittindo o commandante, reconheceu, mais do que nós, o crime do capitão. Donde não ha outro remedio si não o de reconhecer que o sr. Salamonde tinha carradas de razão. Verdade é que o conde Saurma não foi enforcado, como esperava e queria o nosso Pojuca. E este não sabia que o Brazil iria deixar de encomendar parte da sua projectada marinha aos estaleiros allemães!

XADREZ

PARTIDA N. 37

(Jogada pelo telegrapho, 1905)

PARTIDA DOS 4 CAVALLOS

Branças (Dr. Lewitt)	Pretas (Koehler)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B R — 2 —	C 3 B R
C 3 B D — 3 —	C 3 B D
B 5 C D — 4 —	B 5 C D
Roque — 5 —	Roque
P 3 D — 6 —	P 3 D
C 2 R — 7 —	C 2 R
P 3 T R (a) — 8 —	C 3 C R
B 3 R — 9 —	B 3 B D
B 4 T D — 10 —	P 4 D
P 3 B D (b) — 11 —	B 3 D

B 2 B D — 12 —	C 4 T R (c)
D 2 D (d) — 13 —	P 4 B R
P X P — 14 —	T X P
C 3 C R — 15 —	T X C! (e)
C X C (f) — 16 —	T 1 B R
C 3 C R (g) — 17 —	C 5 B R
C 2 R — 18 —	D 4 C R (h)
C 3 C R — 19 —	P 4 T R
B 1 D — 20 —	P 5 T R
B X C — 21 —	P X B
C 1 T R — 22 —	B X P
B 3 B R — 23 —	D 3 C R (i)
R 2 T — 24 —	B X P!
T 1 C R (j) — 25 —	P 6 T R
T D 1 R — 26 —	T 3 B R
P 4 D — 27 —	D 4 C R
T 5 R (k) — 28 —	B X T
P X B — 29 —	D X P
T 1 R — 30 —	D 4 B R
D 2 R — 31 —	B X B
D X B — 32 —	T 3 C R
T 1 C R — 33 —	T X T
R X T — 34 —	T 1 R (l)
abandonam — 35 —	

(a) Seria melhor 8 — P 3 B D.

(b) Este lance agóra é desvantajoso, porque força o B negro a collocar-se em uma casa melhor.

(c) Tendo em vista avançar P 4 B R e tambem talvez C 5 B R ou 5 T R. Quando o 2º jogador chega a jogar P 4 B R no começo, obtem uma partida melhor.

(d) Na grave circumstancia actual era preciso adoptar um seguimento mais energico, por exemplo: 13 — P 4 D, P R X P; 14 — P B X P. P X P; 15 — B X P, P 4 B R; 16 — B 2 B D e o jogo está mais desenvolvido.

(e) Lance correcto e muito forte.

(f) Si 16 — P X T, as Pretas ganham por C 5 B R e D 5 T R.

(g) A situação exigia que em logar de um lance de retirada, as Brancas organisassem um outro ataque por 17 — B 5 C R e si D 1 R; 18 — P 4 B R.

(i) As Pretas jogam com uma engenhosa fantasia; podiam desde já tomar o P com o B e reganhar a peça por P 6 T R, mas querem poder jogar opportunamente P 6 B R com o fito provavelmente de impedir as Brancas de jogar mais tarde P 3 B R.

(j) Si 25 — B X B, P 6 B R x. d. seria mortal.

(k) Só deveriam fazer este lance quando a T preto estivesse a 3 C R para ameaçar mate em com D 6 C R x.

(l) Toda esta partida é finamente jogada por Koehler.

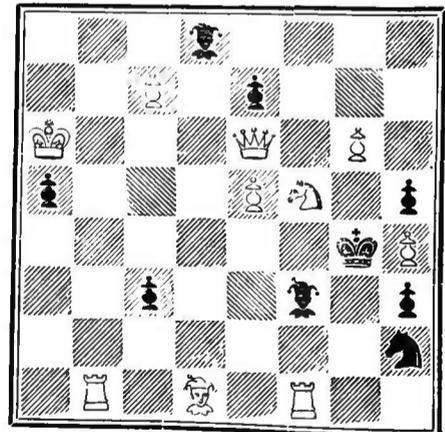
(Notas de Gunsberg e Hoffer.)

**

PROBLEMA N. 35

Tacito & Lipman (S. Paulo)

PRETAS (9)



BRANCAS (10)

Mate em dois lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 34 (Th. Drimiltri Reich): T 7 D.

JOSÉ GETULIO.